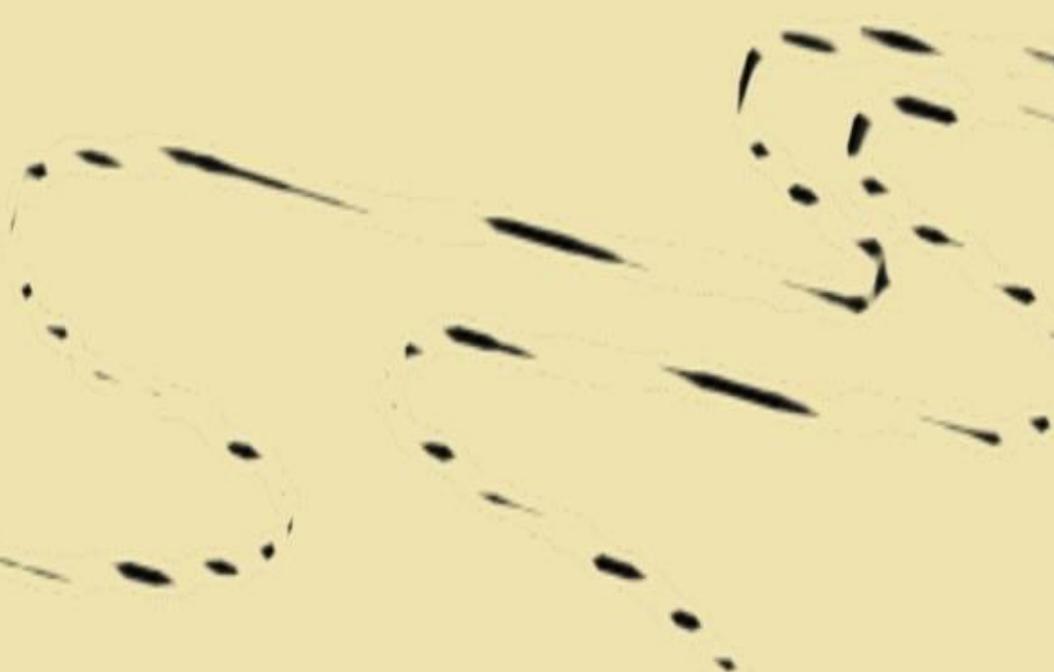


Antônio
Fernando Cambongue



Rosto Negro
Cabelo Branco



Rosto Negro Cabelo Branco

António Fernando Cambongue

Ficha Técnica:

Título: Rosto Negro Cabelo Branco

Autor: António Fernando Cambongue

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA"

Texto: Verdana 12

Capa: Caquene Júlia Joaquim Cambongue

Revisão dos Textos: Abílio Lupenha

Índice

Dedicatória	8
Agradecimentos	10
Prefácio	12
Introdução	13
Eu matei pessoa, não é cabrito	18
A minha mão está a amargar	23
Rosto negro cabelo branco	34
Tio Chico	36
Coelho do mato dentro de casa, é azar	38
Amanhã é Natal	54
A sentença	58
Um pretérito imperfeito	78
Eu me transformo em camaleão	84
O macaco e os dois reinos	88
Uma dúvida	98
Um as perguntas	100
Agradeça	104
Erro Crasso	108
Despedida cifrada	112
Até as lembranças	118
Sobre o Autor	124

Antes de aprender a andar, o cágado aprendeu a contar.

Fernando Cambongue

Dedicatória

1ª Pessoa

Dormir e acordar não é um hábito...

... Dormir e acordar não é um hábito, não é meu sobrinho, não é, não é... O Criador dos criadores, Senhor dos senhores me deu mais um dia...

Em memória do mais velho, administrador da antiga comuna de Santo Arina (Arimba), **José Nunes**.

Sim, a terra nos espera...!

2ª Pessoa

Gostaria de ouvir a vossa opinião...

Como pode um homem tão nobre e rico ser tão humilde e hospitaleiro!... Até agora, de vez em quando, quando olho si, senhor, eu me embrulho na mais baixa personalidade de meu orgulho dominado pelo meu eu, e, aprendo... atentando no seu falar, o desenhar de suas palavras, são para mim, como dicionário de vida. Perdoe a minha incredulidade. Abracei essa oportunidade, escrevi mais um livro mas pelas sábias palavras editadas nessa saudade de ti, eu o dedico a ti, nobre senhor **Waldemar Ferreira Ribeiro**... O senhor é um exemplo de sabedoria e clemência.

Agradecimentos

Ao Eterno Criador, Rei dos Reis, Senhor dos Céus e da terra, o infinito poeta da criação, Deus criador do homem e do espírito que habita nele... (Se não fosse o SENHOR, de onde viriam tais parágrafos? Toda a sabedoria e toda ciência, vem Dele).

A todos aqueles que têm seguido o meu lado literário com um olhar crítico; obrigado! "Se vai chover ou não, olha nos céus, não pergunte à galinha", ainda tem mais um...

Pelo dom da vossa disponibilidade, muito grato!

Prefácio

O homem nasce com planos seguros do seu amanhã, por sua vez, a natureza continua sendo fiel, claro, tudo por baixo do sol tem um tempo; vem a chuva, vem a seca; a terra aquece independentemente de outros planos; as flores murcham, secam e, enfim, caem. A natureza é fiel.

Com um guarda-chuva, os jovens espreitam ou desafiam as temperaturas, os mais velhos alertam os perigos disso... mas são questionados... por isso, alguns se silenciam no olhar cansados de muitas experiências vivas, até, chegam a guardar-se com os olhos fechados numa eternidade.

Rosto negro cabelo branco é um despertar; um convite para uma sábia e longa viagem em gênero de romance, que não somente se limita no passado ou presente, mas sim, no tempo exacto de cada experiência, pois, cada tempo é equivalente ao seu próprio tempo.

Os mais velhos continuam sendo os ícones da sociedade, com bases no passado, seguros do futuro e com presente, bem definido.

Introdução

Na verdade, existem minas de prata e lugares onde se refina o ouro.

O ferro é tirado da terra, e da terra se funde o cobre.

Os homens põem limites às trevas e exploram até os confins as pedras na escuridão e nas mãos densas trevas.

Abre um poço longe de lugar onde moram, em lugares esqucidos pelos viajantes; longe dos homens, penduram-se e balançam de um lado para o outro.

Quanto a terra, dela procede o alimento, mas por baixo é revolvida como por fugo.

As suas pedras são lugar de safiras, tem ouro em pó.

A ave de rapina não conhece essa vereda, e os olhos do falcão não enxergaram.

As feras altivas nunca a pisaram, nem o leão feroz passou por ela.

O homem estende a mão contra o rochedo e revolve os montes desde as raízes.

Faz sulcos nas pedras; seus olhos descobrem todas as coisas preciosas.

Tapa os veios de água para que não gotejem; tiram para a claridade o que estava escondido.

Mas onde se achará a sabedoria? E onde está o lugar do entendimento?

O homem não sabe quanto vale a sabedoria; ela não se encontra na terra dos viventes.

O abismo diz: não está em mim; e o mar diz, não está comigo.

Não pode ser comprada com ouro fino, nem será trocada a peso de prata.

Nem pode ser avaliada em ouro fino de ofir, nem em pedras de berilo ou safira.

O ouro ou cristal não pode comparar com ela; nem se pode troca-la por joia de ouro fino.

Não se fará menção de coral nem de jaspe; porque aquisição da sabedoria é superior a das pérolas.

Utopacio da Etiópia não se iguala a ela, nem pode ser comprado com ouro puro.

De onde, então, vem a sabedoria? Onde está o lugar de entendimento?

Está encoberta aos olhos de todos viventes, oculta às aves dos céus.

A escuridão e a morte dizem: ouvimos rumores sobre ela, Deus conhece o seu caminho, só Ele sabe onde ela fica.

Pois está até a extremidade da terra; sim, ele vê tudo o que há debaixo do sol.

Quando regulou a força do vento e fixou a medida das águas;

Quando estipulou leis para a chuva e caminho para o relâmpago dos trovões; então viu a sabedoria e a manifestou; estabeleceu-a e esquadrinhou-o.

E disse ao homem: o temor do Senhor é a sabedoria, e o afastar-se do mal é o entendimento.

... Viveu na terra de Uz, seu nome era Jó...

Dizem que os mais velhos são como biblioteca (biblioteca viva), testemunhas reais, com realce a ideias construtivas, com lembranças educativas e muitas vezes de alerta de vidas à vista (muitas vezes considerados como vilões) para muitos jovens em tempos oportunos. Em contrapartida, hoje, até parece que as bibliotecas ou casas de livros ficaram apagadas, talvez.

Há, à volta da sociedade, algo como de suspense, como crise de valores, com vistas aos registos riscados pela modernidade de novos valores (... me deixa levar até aos limites), pelo que, os velhos são vistos como capas de revistas fora de ontem.

Por outras razões, o papel da idade é visto como irreal para muitos, mas isso não dispensa o talento natural da idade nem dos tempos; sim, é digno de realce, cada tempo é equivalente ao seu próprio tempo.

Será que todos os caminhos são de certa maneira dignos para nos libertar... ou, para nos orientar, de um passado inseguro para uma direcção de renome?

... **Ah, isso foi naquele vosso tempo.** Dizem os mais ávidos, os jovens. *Agora, esse é o nosso tempo.* Existem coisas que nunca se leu, nem em algum momento se relatou nos jornais ou livros, talvez inibidas pelas circunstâncias, mas podem ser ouvidas NUMA VOZ DE EXPERIÊNCIA CONCRETA. Ninguém pode corromper o futuro nem pelo menos mentir o seu próprio sono quando se dorme e, se justificar. A maneira mais fácil para se ter uma vida longa, é tentar não encurtá-la, *ove*, ainda senta. Tem palavras que só saiem na boca de um mais velho.

Rosto Negro Cabelo Branco – é sem dúvida um livro recheado de conhecimentos; de conselhos, de educação, sabedoria e instrução e escrito de forma planificada para facilitar sua leitura, e que se ajusta em todos os níveis sociais e idades, com frases e parágrafos dignos de se analisar e serem aplicados com seriedade.

Pelo que, sugiro aos leitores toda dedicação e bom uso de todos os conhecimentos desta obra. Os ensinamentos nunca envelhecem, mas se moldam em todos os tempos.

Nelson António Cambongue

Eu matei pessoa, não é cabrito

- O nosso natal vai cujar – assim se gabava o rapas Kamussalo.

Nos passos dos jovens, se registava poeira. Com os pés cansados, arrastavam seus pés, suas mãos lançavam os chicotes para acertar os cabritos. A fome era desprezada pela vontade de sentar e descansar.

Os três jovens caminhavam com os pés pintados de poeira. O sol e a tarde pareciam como verdadeiros amigos entre si, mas inimigo da distância que os jovens percorriam. O pai dos jovens lhes seguia sem uma palavra de encorajamento. A emoção e a gula de comer carne foi de certa forma desprezada e davam mais atenção à fome. Na pressa de antecipar o dia de natal, ouvindo falar de carne de cabrito, Pinto, de nove anos de idade, correu para o grupo de jovens com a gula de ir buscar os cabritos. Pensou numa viagem rápida de ida e volta, e pensou que ao voltar cada um deles estaria a andar com um pedaço de carne assada na mão.

O rapaz começou a lamentar em silêncio, "por que vim parar aqui?!" A tarde começou a chegar mas o frio era desprezado pela poeira. O pai dos jovens marchava com passos firmes. No seu interior aplaudia e elogiava o esforço por adquirir os animais para a festa iminente de natal. Kamussalo. No silêncio e distância que faltava, reclamavam com os passos e Kailo se libertou falando com fúria codificada.

- Ei, Kamussalo, ninguém te mandou nos seguir. Se o pai nos falar para nós te levamos nos ombros, tu vais ver só, porque nós já estamos cansados.

Kamussalo se encheu de medo, mas se limitou a calar.

- Esse é muito assanhado, disse o Toy.

- Esse só gosta de seguir os mais velhos, agora estás bem fatigado.

- Agora lhe deixem andar, eu não te levanto.

- Vais ver fumo.

- Se o pai falar levem a criança, eu vou te levantar e vou te bater no chão, vais ver estrelas com esse sol, aié.

Kamussalo encheu suas bochechas de raiva mas não podia fazer nada. Olhou para trás e viu que seu pai estava fora e distante da conversa e também inocente do cansaço deles.

- Ai estou com muita fome. Logo que eu chegar a casa vou direito para a cozinha e logo comer, e comer.

- Sério?!

- É claro. Veja que estou a morrer de fome e já sem forças. Estou cansado.

- Errado, quando se está cansado, você deve repousar um pouco e só depois é que deves comer.

- Ah, assim não estás cansado, com esses três cabritos para o natal?!

Em nome da distância e sem recursos a água ou capim, os cabritos reclamavam pelos chicotes e pela pressa dos passos que lhes pressionava para continuar com a marcha. Segundos e minutos passavam, mas o caminho que já era conhecido, parecia nunca terminar.

Para todos, o silêncio era como uma música desconhecida. Os três cabritos caminhavam para qualquer direcção, mas de longe e muito longe, via-se última curva da mata e a cidade à vista. Ao ver a última curva, o interior de Kamussale ganhou forma, mas ainda estava cansado pela massada dos cabritos que não obedeciam a direcção da marcha. Cansados e repletos de poeira, o pai dos jovens conseguiu chegar até a eles. Marcharam mais um pouco, mas de tanta canseira, um dos cabritos decidiu mostrar que é mais

macho diante dos outros cabritos. Os jovens que já estavam cansados e aborrecidos, começaram a bater com raiva no cabrito e o empurravam, mas o cabrito decidiu parar. Diante dessa confusão entre os jovens e o cabrito, só acharam uma solução e essa era, arrastar o cabrito. Outros cabritos, mesmo cansados, pulavam para fugir e escapar dos chicotes, mas o cabrito macho preferiu ser arrastado ao contrário de andar.

O pai dos jovens percebeu a massada que o cabrito estava a dar, olhou para o horizonte e viu o sol a se despedir e a noite a se apressar, ficou preocupado

- Enquanto você puxa, vocês aí lhe batem – disse o pai dos jovens.

Eles tentaram, mas o cabrito jurou não continuar com a viagem. O pai dos jovens queria gritar com os jovens mas não o fez. Juntou a distância, a vergonha e a massada então a raiva o fez agir com brevidade e exclamou:

- Oh! Isso não pode nos dar trabalho, pa.

O pai dos jovens empurrou os jovens para o lado, levantou o cabrito com raiva e disse ao cabrito:

- Epa, eu matei pessoa, não é cabrito.

O senhor levantou e bateu o cabrito no chão e o mesmo morreu na hora. A altura e a força lançaram desvantagem contra o cabrito. O cabrito morreu sem se despetir.

- Vamos, levem-no – disse o pai dos jovens.

Os jovens viram que agora o peso sobre eles aumentou, mas ao mesmo tempo queriam se rir da situação, mas com o pai deles ao lado, não podiam. Começaram a apressar seus

passos. Em silêncio se riam até não se aguentar, mas se controlavam para que seu pai não se apercebesse e, entre eles conversavam baixinho se alertando.

- Ai de quem se rir!

Caminhavam firmes, ora enxotando, ora se trocando nos ombros o cabrito morto na viagem. Uma emoção os visitava mas os seus subconscientes lhes alertavam a não se rir. O caminho mudou e até o ambiente, tudo parecia diferente em seus pensamentos.

Ao chegarem a casa, cansados, mas com muita emoção e novidades para partilhar com os outros, amarraram os dois cabritos numa árvore e o cabrito que desafiou o patrão foi levado para a panela e uma parte para a arca.

Quando a noite chegou, todos os irmãos e primos em casa, se reuniram em gargalhadas, respiravam fundo e se contavam as cenas dos cabritos, do princípio ao fim. As lágrimas escorriam nos rostos como água, e respiravam fundo de tanto rir. Imitavam todas as cenas deles, do cabrito e de seu pai. Eles se lembravam e falavam como tudo tinha acontecido.

- Ai ue, ai, ai...

- Espere Pinto, espere... Uh, espere, uh... Eu matei pessoa, não é cabrito!

Num quarto distante e separado da sala principal do pai dos jovens, eles se divertiam, e como uma cerimónia de assuntos de alta responsabilidade, a cerimónia de contos e imitações, fazia dos jovens verdadeiros actores e imitadores acénicos. Trocavam as cenas várias vezes, ora imitavam os cabritos, ora o pai deles e eles próprios também.

- O Kamussalo disse assim ao cabrito que não queria andar, ó cabrito, por favor anda só, eu não quero te envergonhar na presença dos outros cabritos.

- Béeéééééé, béeé
- Cabrito, estou a te avisar, anda...
- Béeééé, eu sou cabrito e também fico cansado...
- Ó cabrito anda, pa.
- Béeééé, se quiser me levanta, béeé.
- Ove ó cabrito, eu então sou nervoso, vou te dar uma...
- Oh meu irmão, o cabrito nada, só estava no béeé', béeé.
- Oh pai! o cabrito só ouviu... Tche, eu matei pessoa não é cabrito.
- Puuuuuuu! O cabrito lhe levantaram no ar, lhe bateram no chão... oh pai, o cabrito morreu na hora.
- Nem teve tempo de se despedir, morreu.
- Morreu!
- Oh, está aqui a carne.

As horas passavam e eles comiam e se riam com carne e ossos do cabrito no prato. A cabeça de alguns até doia de tanto se rir das cenas. Aos poucos começavam a dormir. E sem perceber, um a um, todos acabaram por dormir fora da cana em profundo sono. Mas Pinto mesmo sonegando, ainda piscava os olhos. Como flash nos seus olhos, ele piscava os olhos de tanto senti-los pesados de sono, mas no piscar dos olhos, ele via o cabrito a ser levantado, e no ar, via o cabrito a pedir desculpas e perdão em línguas humanas para ser entendido, mas nada, no ar o cabrito começou a ver a terra a lhe engolir com força e raiva. De tanto sono, essa imagem ficou gravada na mente de Pinto, por fim dormiu. Com as bochechas cheias de graça e, com vontade de ainda se rir, Pinto se descobriu sozinho no quarto, pois todos já estavam em profundo sono. Mas querendo falar para um deles, Pinto ainda tentou falar, com palavras de sono e disse:

- Eu matei pessoa, não é cabrito!

A minha mão está a amargar

A noite estava cansada e também tentava se aquecer no amor natural do iminente dia que se chegava, e era visível o despertar do amanhecer, embora lento e macio.

Sexta-feira. Alguns já estavam a acordar gradualmente mais cedo como sempre, mas enquanto isso, alguns ensaiavam o esperado dia de começo de fim de semana prolongado com planos do natal.

Pinto já estava acordado, mas se agarrava nos cobertores, apenas olhava para o teto do seu quarto. Procurava por qualquer coisa a volta do quarto, mas a sua mente lhe trazia saudades iminentes de bolinhos e bolos em nome do natal. Mas de repente soltou uma gargalhada quando olhou para o prato abandonado com ossos. Se lembrou do cabrito e suas bochechas explodiram em grandes gargalhadas. Por fim, alguém entre eles se mexeu e ele se escondeu nos cobertores para evitar problema, mas ainda assim soluçava de tanta graça. Ao pensar na carne de cabrito, ele falou baixinho entre os cobertores.

- Esse natal vai cuir pra tanto, nem vou mais sujar as minhas tripas com lombi nem couve. A partir de hoje eu só como carne, só. Verdura, está amarrado, as minhas tripas não podem ser verdes.

Com frio, muitos ainda abraçavam os cobertores. Kamussalo abriu os olhos julgando que alguém lhe tivesse chamado, com espanto pensou, será que levaram toda carne, e como será o nosso natal? Mas Pinto ficou escondido nos cobertores e soluçava pensando ainda no cabrito. Mas lá fora, de repente ele ouviu uma voz que insistiu a chamar.

- Aí nessa casa - a voz insistia acordando as pessoas e com muita autoridade.

- Kamussalo, acordem, lá fora tem polícia, acordem vieram buscar os outros cabritos.

- O quê? Kamussalo se levantou com espanto.

Os jovens pareciam inseguros de tudo. Acreditaram que a polícia estivesse mesmo fora para resolver o caso do cabrito que foi morto de forma injusta. Estavam tão inseguros que até pensaram que estivessem em plena Segunda guerra mundial. Inseguros, desprezaram o natal e queriam voar para qualquer tempo, que não fosse no tempo de Hitler. Jojó estava quieto em sua cama.

Próximo do lugar onde eles dormiam, ouviam muitas coisas, mas não conseguiam definir as vozes, por isso, começaram a andar entre os dedos. Como homens presos e agarrados em plena vergonha, eles saiam e se calavam ao ver o suspense no seu quintal.

A fúria estava clara nos olhos dos homens que batiam a porta, mais clara que a luz do sol. Alguns biscateiros procuravam uma vaga, os velhos e jovens não se surpreendiam com o que ouviam, as mulheres reclamavam com lamentos, mas as crianças só queriam comer carne e bolo e mais nada. Sem camisa e descalços, as crianças agarravam nas saias de suas mães reclamando por comida.

Dentro de casa, o pai de Ndilimeke não ouvia o barulho por causa da música que tocava lá dentro, em vez disso, testava o seu orgulho por apostar que fez a escolha certa ao comprar tal aparelho de som. Depois de alguns instantes, o senhor Isaac saiu da sua casa, despreocupado com toda essa situação, começou a escovar os dentes à vista de todos e sem mostrar pelo menos uma certa preocupação, mas fixava seus olhos no seu filho Ndilimeke que estava bem preso, agarrado na camisa e calças. Com calma nos lábios e coragem nos olhos, o pai de Ndilimeke parecia estar a investigar a vida de cada um dos homens que agarravam o seu filho nas camisas entre o pescoço. Endireitou as calças, apertou o seu cinto nas calças e por fim meteu um cigarro na boca mas sem acendê-lo. Meteu o copo e a escova dental no passeio e piscou o olho duas vezes, olhando para cada um deles.

Todos pensaram, esse senhor está a planificar alguma coisa. Noutro lado da mesma rua estava a passar um jovem

e ele por engano pisou no rabicho de um cão que também estava atento no caso e o cão gritou assustado. Outros dois cães grandes que estavam próximo, ao ouvir o outro cão a gritar, se levantaram e correram atrás do jovem e, ele começou a correr. Esse jovem começou a correr e se esqueceu do estilo que fazia na rua da sua bela namorada, e corria com medo de morte.

Via-se poeira por onde o jovem passava, seguido pelos cães. De longe ouvia-se uma voz trémula que gritava por socorro.

- Sai, sai, sai, cão sai...

Algumas crianças que apreciavam isso batiam palmas, como se tratasse de uma corrida em plena pista livre.

- Agarra, agarra - as crianças gritavam e seguiam atrás dos cães.

...

As outras crianças, donas dos dois cães que corriam atrás do jovem azarado, de longe apreciavam seus cães a dar show, diziam uns aos outros com orgulho.

- Os nossos cães são maus, não brinca só.

Na casa do senhor Isaac, as pessoas que trouxeram o jovem Ndilimeke, estavam preocupadas com a calma do pai do jovem e tentavam pensar que estaria por trás dessa calma do senhor Isaac. Mas alguns diziam baixinho.

- Não, se o filho dele roubou, ele tem que assumir tudo.

- É verdade – alguns respodiam em voz baixa.

Seus pensamentos estavam totalmente sintonizados no senhor Isaac, por isso já não sabiam de nada que acontecia no bairro. De repente viram o senhor Isaac, pai de Ndilimeke a entrar rápido em sua casa e uma poeira envolveu todo o lugar com um barulho duplo e clamor desorganizado que lhes baralhou.

- Socorro, socorro!

As pessoas pensaram que se tratasse de um jovem que estivesse a sair no meio deles e pensaram que se era um grito de socorro de um jovem que já conhecia bem o senhor Isaac e por isso fugia em gritos de socorro. Mas na verdade é que esse jovem estava a fugir a fúria dos cães. As pessoas ao verem dois cães a correr, todos pensaram que também os cães estivessem a fugir o senhor Isaac, e passar a – esse senhor Isaac que entrou na sua casa, esses cães que fugiram e o jovem também, o assunto aqui está sério. Todas as pessoas se meteram a correr e se empurravam em caminhos largos.

O senhor, inocente de todos esses pensamentos, entrou na sua casa, e lá pensava como poderia pedir desculpas a essas pessoas que mais uma vez o seu filho foi roubar. Entrou apressado, mas também estava com vergonha, e pensava como fazer para sair. Ele não sabia de nada do que se passara lá fora, nem que as pessoas tinham fugido. Vou sair para pedir desculpas pelo que o meu filho - pensava o senhor Isaac. Revistou no seu cofre para ver se tivesse um dinheirinho para assumir os estragos, mas não tinha nada. Como é que vou indemnizar essas pessoas pelo roubo que meu filho fez - pensava ele com certa preocupação.

Noutro lado da rua, o jovem que era estiloso, corria em plena rua da sua namorada, e, enquanto corria, no seu interior jurava nunca mais procurar essa moça, pois julgava ser um plano do pai da moça, por isso esses cães lhe davam corrida com muita fúria.

Vestido de poeira e cansado, o jovem procurou olhar para trás, orou para que os cães desistissem de lhe perseguir, mas viu que os dois cães ainda estavam a correr atrás dele com muita fúria. Mas para a sua surpresa, atrás dos dois cães também vinha uma grande multidão a correr com medo e ele não sabia por que. Cansado e com medo, o jovem começou a reconhecer rostos que não eram reais. – Mulher faz mesmo matar, oko – pensava ele em passos de medo.

...

Distante da rua, pensou e disse para si mesmo – aqui não é o vosso bairro. O jovem pegou em duas pedras e atirou contra os cães, tentando assustá-los, mas os cães em vez de fugir, correram e morderam nas pedras e depois voltaram a correr atrás do jovem.

O bairro ficou muito agitado, ouvia-se o latir de cães por todos os lados.

No outro lado da rua, o senhor Isaac com vergonha para resolver o assunto do seu filho Ndilimeke, mas ficou surpreso ao ver o quintal vazio mas seu filho sentado. Não entendeu nada, mas também pensou estar a sonhar. Com os olhos ficou a procurar as pessoas que ele tinha deixado fora em menos de três minutos, olhou à volta do quintal, mas não tinha mais ninguém daqueles que acusavam seu filho. Seus pensamentos ficaram baralhados, no mesmo instante, se lembrou da história da mulher prostituta da bíblia, que depois os seus acusadores desapareceram num piscar de olhos. Mas o senhor Isaac pensou, - mas eu, nem a sonhar.

Mesmo depois de as pessoas terem ido, o senhor Isaac ainda pensou, - O que seria se aquelas pessoas raivosas ainda estivessem aqui? Pensou em todas as vezes que o seu filho roubou e nos problemas que já lhe causou, e pensou, esse malandro vai continuar a roubar. E disse:

- Esse cão está a me trazer muitos problemas. Hoje vou ter que lhe dar umas boas...

Enquanto o pai de Ndilimeke está a pensar em se vingar de seu filho por causa de tantos problemas que este lhe trazia, Ndilimeke estava ocupado com a sua mente, pensando noutras coisas, viajando em seus pensamentos, visitando várias ruas. E numa das de seus pensamentos, agradecia aos vizinhos por terem criado cães que por sua sorte, lhe ajudaram a escapar desse incomensurável problema. E pensou, com toda aquela gente que estava aqui, hoje por pouco eu estaria na grelha. Agradeceu e elogiou o medo das pessoas. Com pensamentos de bons sonhos, a ter boa vida, Ndilimeke aproveitou a bocejar e esticou os braços e o corpo em boa disposição. Mas bem antes de terminar de se espreguiçar, de repente viu a sua boa sorte e cair no chão, uma mão forte e pesada a lhe apertar nas camisas, no pescoço.

Ndilimeke abriu os olhos e interrompeu o bocejo engolindo saliva que quase se engasgou.

- Não pai, eu não fiz nada. Só me acusaram.

- Sim, você nunca faz mesmo nada, sempre te acusam, seu malandro.

O senhor Isaac, pai de Ndilimeke, apertou forte nos colarinhos de seu filho, deixando-o quase sem respiração. Endireitou o seu cigarro na boca, embrulhou o seu rosto mostrando estar com raiva, e Ndilimeke percebeu que desta vez estaria com as emoções no inferno. Desprezou o frio e começou a transpirar na hora. Sem esperar mais, o senhor Isaac se preparou para lançar o primeiro ataque de chapadas. Algumas pessoas que passavam pela rua, ao ver a cena, ficaram inertes, nem adeptos nem árbitros, mas estavam frescos de medo e admiração pelos cálculos que faziam ao olhar para as mãos pesadas do senhor Isaac. Ndilimeke tentou olhar para qualquer direcção para pedir socorro, mas de repente sentiu que as nuvens ocuparam o céu no seu dia e, duas chapadas dispararam como fortes trovoadas na sua cara. O senhor David estava um pouco distante, mas de lá,

ouviu o estalar de bochechas e o ruído do vento pelo movimentar das mãos que endireitavam a cara de Ndilimeke. Saiu para fora com pressa e começou a acudir ainda de longe.

- Ei, primo, deixa o miúdo...

A chapada foi tão forte que Ndilimeke deixou de ouvir. A única coisa que estava a ouvir era winnnnnnnnnnn, e como um ruído forte de um mique 21 em tempos de guerra, e ao mesmo tempo, ouvia também em seus pensamentos o barulho de um rádio xiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii em volume alto mas não sintonizado. Estava tonto, mas os seus pés estavam firmes no chão. Viu a sua namorada a lhe dar tchau. Sentiu raiva mas, não podia fazer nada, desta vez estava nas mãos do seu pai. Respirava fundo. Olhou para a direita para alcançar socorro, mas por sua surpresa, tonto que estava com a velocidade das chapadas, no lado direito Ndilimeke viu duas palancas negras a sorrir como suas amigas. Piscou os olhos duas vezes para acordar, mas as palancas estavam pintadas nos olhos do seu cérebro, por isso, acreditou nelas e disse em voz alta.

- Pai olha palanca negra.

O senhor David, primo do senhor Isaac, se aproximava e disse de novo.

- Oh primo, lhe deixa só.

- Está bem primo, mas antes... tenho mesmo que lhe chapiscar e lhe rebocar com esse cinto de juízo, pelo menos três chapadas, porque se ele rouba e nós só olharmos, ele vai continuar a roubar, até que algum dia venham nos trazer problemas sem chapadas, então, ó primo, hoje mesmo vamos impedir isso com chapadas de amizade.

Sem mais demora, o senhor Isaac deu mais uma chapada ao seu filho e Ndilimeke de repente gritou.

- Pai, olha aquelas palancas, estão a ir assim.

- Palanca negra, ne, mukuzakula – respondeu o pai dele, enquanto endireitava o seu cigarro na boca que não o tinha acendido, mas Ndilimeke via fumo ao vivo.

Enquanto Ndilimeke olhava para as palancas pintadas na sua mente e o cigarro de seu pai saindo fumo, mesmo sem estar aceso, tentou alcançar um socorro, em vez disso, as pessoas que passavam pela rua estavam alheias ou apressadas em suas preocupações, por isso, não davam muita atenção às dores de Ndilimeke.

...

Dentro de casa, Jojó e Kamussalo correram para o quarto e começaram a se rir e a dizer:

- Olha a palanca!

- Eu matei pessoa, não é cabrito.

- Vou te dar uma chapada, vais ver uma palanca a ir assim.

Jojó e Sandro correram para o quarto e começaram a se rir por baixo dos cobertores. Mas o tio David se aproximou da fúria e suplicou cessar fogo.

- Oh primo as minhas mãos estão a amargar. Quero bater.

- Não faz isso primo.

- Primo, quero bater, juro, as minhas mãos estão a amargar. Quero mesmo bater.

Jojó e Sandro que estavam no quarto, ao ouvir que o senhor Isaac disse, - as minhas mãos estão a amargar, lançaram-se no chão e se riam em segredo, mas em soluços sem controlo mas repletos de lágrimas.

Repleto de tantas chapadas, Ndilimeke pensou com profunda tristeza nos últimos dias dos **Romanovs**, pensou no desespero que eles tinham para serem resgatados, e, sentiu sua alma negramente abatida. Pensou no dia que se inventou a palavra chapada e exclamou – nãããããooooooooo por que inventaram essa palavra.

- Que palavra meu filho – perguntou o seu pai.
- Chapada!

Todos que estavam à volta dele, até aqueles que não tinham ouvido bem, rasgaram suas vozes em grandes gargalhadas.

Enquanto Ndilimeke recuperava suas forças e sua audição, pensava em perguntar ao seu pai em que circunstância foi inventada a palavra resgate, mas a dor nas bochechas roubarão as palavras de sua boca.

- Primo, chega.
- Ò tio David, eu já não fiz nada...
- Ò Ndilimeke, eu vou te cultivar. – disse o seu pai.
- Ò pai, eu sou lavra!
- Vou te plantar juizo, mukuzakula...

- Eh!, chega disso, Ndilimeke, cala-te. – Disse o senhor David.

Já o senhor Isaac, ciente das palavras do seu primo David reconheceu as desculpas que o seu filho lhe pedia, mesmo em silêncio, ambos se reconciliaram.

. . .

No mesmo bairro, noutro lado da rua, de longe se ouviam vários comentários acerca de tudo que aconteceu no bairro. Alguns comentavam com certeza o que viram e ouviram, mas outros comentavam e defendiam com palavras o que só ouviram de outras pessoas, mas ambos se riam em gargalhadas de grandes shows sintonizados.

- Aquele tio é nervoso, eh! Eu ouvi quando ele disse, a minha mão está a amargar, quero batar.
- Sério!
- Eh!, por isso que as pessoas fugiram do quintal.

- Ove... é verdade. De tanto medo, dizem que a tia Fina confundiu a camisa do tio Hossi com o pano dela, e tentava puxar para amarrar a criança nas costas.

- Sério...

- A camisa do tio Hossi rasgou porque ela estava mesmo a puxar. Esse tal tio também que estava com muito medo, fugiu sem camisa e não olhou mais atrás.

- Eué, aquele tio pensou que fosse o tio Isaac que estava a lhe puxar nas camisas.

- Eué! A tia catarina merece prémio.

- Mais tarde, quando a tia Catarina viu que amarrou o seu bebé com uma camisa de homem, ela gritou, tchapalama.

Distante no tempo e distraído de qualquer problema, Ndilimeke estava sentado num dos cantos do quintal, olhando à volta de tudo, mas nada via para se divertir, senão com saudades de ter dinheiro e comprar o que lhe aprazia. Em seus pensamentos dizia, -estão a me tratar assim por causa do vosso cabrito, eu também posso comprar o meu.

Olhando para os dois cabritos, pensava mandar para a praça as crianças que brincavam próximo dali. Começou a fazer alguns cálculos contrários para vender os cabritos alheios. Mas não demorou muito, ele viu que Kailo, e outras crianças vieram e levaram os cabritos e, na sua presença, viu os seus planos a cair no chão. E ainda teve coragem de exclamar.

- Isso não é justo.

Enquanto os cabritos estavam a ser levados, Ndilimeke disse baixinho em palavras desenhadas em seus pensamentos.

- Ei Kailo, estão a levar aonde os cabritos, aqui também tem capim, se esse capim não é suficiente eu posso ir recolher.

Kailo seguindo os passos longos de seu pai, aumentava a distância entre Ndilimeke e ele, por isso não conseguiu responder. Ndilimeke se levantou chateado e reclamava em voz de se ouvir:

- Não, isto é muito desprezo, não pode, os cabritos estavam aí a comer à vontade, não, assim já não.

Muitos eram os seus pensamentos, reclamações e fúria. Depois de uma hora e meia, em silêncio e calmo, Ndilimeke decidiu seguir o seu tio David e Kailo para saber onde estariam a levar os cabritos.

Rosto negro cabelo branco

Ndilimeke seguiu Kailo para ver onde estariam a levar os cabritos, mas depois desistiu. Devido toda à situação e vergonha, já não queria voltar para casa, então decidiu mudar de direcção e ir para a casa do seu avô. Olhou muitas vezes para os céus, mas ignorou as nuvens.

O caminho era distante. Cansado e com vontade de dormir, pensou em voltar para casa do seu pai, mas a distância era igual ao de seu destino. A chuva caiu sobre ele. O frio e a gula estavam sobre os seus passos. Desafiando a força da chuva sobre o seu corpo, carregando suas roupas molhadas sobre si, e, de tanto pensar nas acções de seu pai, pintou os cabritos, na frente dos seus olhos, apressou os seus passos pensando fugir da chuva, mas a chuva lhe abraçou como se abraça alguém com muita saudade. Repleto de fúria, e vontade de romper a distância, sentou-se num tronco despido por um machado, pensou em encontrar um dos seus amigos da china, e por sorte, se lembrou de uma frase de um chinês e em alta voz, disse: - Um-momento-de-calma-evita-muitos-dias-de-dor.

A calma visitou a sua alma, e, descansou na sombra dos seus pensamentos, ocupando-se consigo mesmo.

No lusco fusco, calmo e seguro sobre os tetos de uma hospitalidade conhecida, Ndilimeke viu um homem com rosto negro e cabelo branco, reflectiu a sua vida, recolhendo-se em suas tristezas e vergonhas.

As noites não lhe trouxeram repouso, mas deram-lhe em contrapartida tempo para muita meditação. As madrugadas começaram a lhe trazer esperança, e a cada amanhecer brilhos diferentes e sua alma encontrou calma e ditosa paz nesse novo bairro.

Tio Chico

Como o desenhar de passos numa pista de fama, o seu andar e falar era destacado. Seu falar era clássico e notório nas suas afirmações. No seu departamento, era uma pessoa de notória competência e saber.

Na reunião de celebração de festa de aniversário, o chefe se levantou e disse:

- É com o devido cumprimento, dever e reconhecimento que hoje vamos chamar algumas pessoas e promove-las com certificados de honra.

Todos estavam ansiosos e alguns nomes foram chamados. A cada nome que era chamado, as palmas seguiam e os elogios também.

- Agora, - com toda emoção disse o chefe, vamos chamar o último nome.

Todos abriram os olhos, mas ninguém tinha ideia de quem seria. E o chefe chamou, pelo nome de registo, mas como esse homem era chamado:

- Como promotor e administrador geral da COIO.D.R... Tio Chico!...

A multidão explodiu em louvor e palmas de com elogios que abalaram os alicerces do auditório. Todos se levantaram e firmes com respeito, aplaudiam com aprovação.

As palmas eram claras, como o artigo definido, particularizando um substantivo, com a função de definir sem ambiguidade um ser. As palmas aceleravam que, não era "um" homem qualquer: era "o" homem. As palmas enfatizavam-no como "artigo de notoriedade".

Quando tio Chico viu que todos começaram a assinar, abriu os olhos e pensou, tenho que fazer alguma coisa. Assim que chegou a vez dele, ele balançou a sua cabeça e disse:

- Não pode ser.

- O que se passa, tio Chico?
- A minha cabeça está a doer.
- Vai passar, deve ser ansiedade, assina, tio Chico
- Não, as minhas mãos estão a doer muito.

A situação se tornou visivelmente agravante e correram para o hospital. Em cuidados especiais, em acompanhamento do director geral da empresa, os doutores se reuniram e debateram a medicina e concluíram:

- Senhor, já pode assinar.
- Não! A minha mão está a doer.

- Queremos ver como pega a esferográfica. Tenta escrever alguma coisa, e, nós estamos aqui para assisti-lo com os devidos tratamentos...

- Já não é preciso assinar, todos na empresa já me conhecem.

- Sim senhor, mas queremos ajudá-lo a resolver a situação da sua mão como todos os aparelhos médicos, mas queremos analisar sua mão de novo, senhor.

- Não é a mão, são os dedos.
- Está bem, ainda assina...
- Epa não me compliquem mais, pa. Eu não sei escrever.

Coelho do mato dentro de casa, é azar

- Joana... Ngueve ove sai daí.

Já era manhã e o tempo atmosférico anunciava iminente chuva. De longe em alguns bairros, Ndilimeke ouviu passos para uma direcção. Vozes se afastando, e outros reclamando para se livrar de alguma coisa incomum. Ndilimeke pensou na agitação de suas histórias e nas tristezas de seus problemas. Afastado e desprezado pela sociedade, Ndilimeke recolheu-se no seu passado e chorou em silêncio por baixo dos cobertores como no braço de uma mãe que recolhe seus filhos das drogas.

Descansou mais um pouco e desprezou qualquer dor ou acusação que talvez pudesse vir contra ele.

- É claro, a culpa é sempre minha. – Pensou ele.

Saiu do seu quarto para fora de casa, na casa do seu avô. Ndilimeke se surpreendeu com tamanha agitação. As pessoas se cruzavam apressadas, e seus pensamentos viajaram para Hiroshima e Nagasaki, em 1945. Imaginou como é que as pessoas que escaparam, corriam para buscar seus filhos. Olhou no seu avô, e finalmente encontrou um e único homem calmo que por conseguinte caminhava para a sua sombra.

A agitação das pessoas à volta do bairro e a calma do seu avô se cruzaram na mente de Ndilimeke como o eclipse total do sol ocorrido em Angola.

Pensou em correr apressadamente para o lugar da agitação, mas o seu subconsciente o alertava para não ir. O homem de rosto negro cabelo branco sentado, olhava somente para ele, e era possível perceber o conforto nos seus próprios conhecimentos. Ndilimeke prevenia-se de calar ou mesmo de fazer novas amizades. A sua história a ele mesmo pesava, sua mente lhe acusava e seus olhos nunca estiveram prontos para revelar outra realidade.

- Já ouviste falar da história do Tobonha e passos na areia?

Interrogou seu avô, mas não lhe deu tempo para falar.

...

- Tobonha vivia feliz na vida porque alimentava os seus pensamentos com esperança e amor, por mais que não desse certo, sabia que nesse momento estava positivamente activo no amor.

- Avô o que a história de Tobonha quer mesmo dizer?

- Você está a se matar aos poucos, porque continuas amarrado no teu passado e vives infeliz porque activas os teus pensamentos nas tristezas na tua negação.

No seu corpo, os seus ouvidos trabalhavam para recolher críticas, acusações e desprezo, mas nesses dias, os seus pensamentos sintonizavam uma frequência de paz. De longe ouviu:

- Está amarrado, isso não pega na nossa família.

- Por favor, senta-te - disse o seu avô - agora escuta e vê com os teus próprios olhos.

Ndilimeke ficou muito atento para o seu avô, enquanto ele olhava para uma direcção, e sabia que Ndilimeke estava olhando para ele.

- Não é para mim que deves olhar mas para aquilo de deves olhar para saber.

Nessas palavras, Ndilimeke percebeu que seu avô estava a lhe pedir para olhar e ouvir o que se estava a passar no bairro. A sua mente e audição se tornaram amigos das palavras no eco da agitação.

- Não pode ser, isso nunca se viu nesse bairro, nunca!

- Oh mana Rosa, isso só temos mesmo que chamar o soba.

Cada um comentava segundo a direcção dos seus pensamentos, mas todos abriram bem os olhos para não deixar escapar nada.

- Está lá, olha é mesmo coelho.

- Sim, é coelho do mato.

- Coelho do mato dentro de casa, é azar?!

- Então...

- Eu sempre falo que esse bairro não é seguro.

- É verdade, aqui tem muita inveja.

Nessa agitação, todos comentavam e murmuravam dizendo:

- Coelho do mato dentro de casa, é mesmo azar.

- Mano Mariano, eu fiz o que? Eu nunca mexi nada que é alheio, por que isso está a me acontecer?

A dona da casa lamentava com lágrimas de chuva. o bairro todo estava em novidades, as horas passavam e pessoas de longe vinham a correr, voltavam e testemunhavam que, coelho do mato dentro de casa é azar. Todos temiam mas os coelhos dentro de casa procuravam calmamente se acomodar nos compartimentos da casa.

Uma senhora apressada, viu o jovem Ndilimeke e seu avô, não reduziu os passos, apertou o seu pano na cintura, e de longe disse:

- Avô... avô, o senhor é o mais antigo nesse bairro, mas acredito que nunca viu isso que está na casa da mana Tina, coelho do mato dentro de casa?!... Isso é muito azar!

Ao terminar de contar tudo que estava a acontecer, a senhora também contou um breve passado que acontecera

entre uma antiga discussão entre a dona Tina com uma outra vizinha e concluiu que tudo tinha que ver com isso e disse:

- Só tem que ser aquela vizinha.

O velho de rosto negro cabelo branco ficou atento nas palavras que a senhora disse, como era conhecido no bairro, antes de responder, viajou nos seus pensamentos, calmo e tranquilo disse:

- É bom saber isso.

Mas a senhora ainda ficou esperando, pois queria ouvir mais sobre o assunto.

- Minha filha, a senhora viu os coelhos?

- Sim vi, juro que até agora estou com arrepios.

- São quantos coelhos e qual deve ser a cor de um deles?

- Oko, eu até já não vi os tais coelhos. É que lá está muito cheio...

- É mesmo?!

Ndilimeke analisou essa interpretação e começou a ganhar juízo. Ficou seguro nos seus intuitos e perguntou:

- Mas avô, todos estão a falar que é coelho do mato.

- Às vezes é necessário sair de certos meios para diminuir a confiança e aumentar o respeito. Em breve, saberá que sem você saber, voce saiu de um meio para crescer.

- É claro que todos estão a falar isso porque estão com medo.

A mente da senhora estava a tentar imaginar e a criar ideias de coelho que não viu.

...

- Aqui tem uma pequena mata, um pouco distante daqui. Mas como é que os coelhos chegaram até aquela casa?

Ndilimeke se endireitou na cadeira e a senhora se pegou na boca. O homem de rosto negro, na sua calma sabia, ainda

lhes questionava com olhares, mas a senhora ainda acrescentou e disse:

- Mas eu estou a sair de lá e ouvi tudo.

- Minha senhora, conheces o senhor Bento? - Questionou o homem de rosto negro cabelo branco.

- Sim conheço. - disse a senhora.

- A ansiedade no coração abate o homem, mas uma boa palavra o alegra.

Ndilimeke olhou para o seu avô, mas também olhou para a senhora e percebeu que a senhora estava distraída nalguma coisa que seu avô estava a dizer. O mais velho fixou seu olhar na senhora e antes que ele falasse outra coisa, a senhora se antecipou e exclamou.

- Ene vakueeeee, os coelhos são da mana Celina!!!!

A senhora deu dois passos para trás e curvou para ir a correr e anunciar isso, mas de repente viu dois senhores a correr com passos de emergência, indo para a direcção da casa do soba do bairro.

- Ó tio Lucas, oh mano Lucas... a senhora começou a gritar e a correr para eles dos homens.

- Estamos apressados - respondeu um deles.

- Ene vakue, ene mano Lucas... os coelhos...

Nos gritos da senhora, as pessoas que a ouviram, começaram a transpirar de medo e diziam.

- Isso está mesmo sério.

Entre a distância da senhora que chamava em alta voz e os senhores que corriam com passos e atenção da meta e solução dos problema e entre a sociedade curiosa de ouvidos medrosos, existia um medo, e, em seus pensamentos afirmavam - coelho do mato dentro de casa é azar. A cada segundo, os senhores mestres em levar comunicados em nome do povo, aumentavam a distância entre eles e a senhora. As pessoas só assistiam em pleno silêncio, mas em profundas reclamações interiores com medo.

Com o seu pano Africano amarrado sobre sua cintura, a senhora corria atrás deles e transpirava ao saber que se esses homens chegassem a casa do soba, sem dúvida seria outro problema. As pessoas que já estavam com muito medo, ao verem uma senhora a correr atrás de três homens fortes que corriam com passos de emergência e medo, começaram a julgar que a senhora corria atrás deles com a maldição dos coelhos do mato, ou de algo pior, ou mesmo que ambos fugiam da mesma praga dos coelhos, por isso, todas as pessoas aplicaram a arte de fugir, e, fugiram com passos sérios, como alguém que foge da morte.

Homens fortes corriam sem olhar para trás, as senhoras corriam e deixavam seus filhos para trás. As crianças corriam e caíam muitas vezes e choravam com medo dos mais velhos. Os cães ladravam à distância com os rabichos guardados de medo.

A senhora que corria atrás dos três homens, em pouco tempo se viu quase sozinha na rua, mas por sorte acabou por alcançá-los. Recuperou suas forças nos ombros de um deles mas escapou e agarrou-se nas camisas de um deles e a camisa rasou, respirou fundo. Nessa hora, a última janela de medo se fechou fazendo um barulho e em seguida foi possível ouvir dos donos de casa a se cobrir com os cobertores.

Alguns atrevidos espiavam dos muros dos seus quintais, os medrosos agarravam-se nas paredes dos quartos,

metendo seus ouvidos na paredes de casa para ouvir o que se passava lá fora, na rua.

A senhora contou tudo aos três homens e terminou dizendo:

- Aqueles coelhos são da casa do mano Tomás.

As pessoas que estavam dentro de casa, escondidos de qualquer curiosidade, de tanto medo, só ouviram a casa do mano Tomás. Gemeram de medo e pensaram em seus pensamentos, agora a praga foi transferida para casa do mano Tomás, isso está mesmo estranho.

Umas das pessoas pensou, seja lá o que for, haja o que houver, por trás disso tem coisas, mas tem sempre solução. Por isso gritou para se comunicar de longe e disse em voz de preocupação.

- Liguem para o táxi, não estamos a entender nada, o que se fala não se entende. Tem que ser nas santas.

- Nas Santas...!

- Ei cala-te, se tu negares, podem te achar estranha... ou, talvez culpada.

- Nas Santas...amanhã terça-feira de manhã...

A mulher discute do senhor que dizia isso, disse, mas por que nas Santas? Eu acho que isso é só um mal entendido, talvez não seja bem um problema do jeito que se está a pensar. Mas o senhor disse, seja lá onde for, o que queremos é uma solução porque isso nunca acontece em todas as gerações, nunca se ouviu, pelo menos entre nós.

Os homens gemeram de medo dessa informação. Calcularam e pensaram o que seria se chegassem ao soba do bairro, sentiram medo, mas também um certo alívio mas não conseguiram se rir nem chorar mas, ficaram de boca aberta com as mãos nas cinturas respirando fundo como viajantes

cansados, sem bússola e empoeirados em terra batida em terra alheia.

O mais apressado rasgou o silêncio e começou a correr para a direcção da casa do senhor Tomás. Mas o senhor baixinho e barrigudo correu mais rápido e ultrapassou o homem alto que estava na frente e desviou-se para a direcção da casa do senhor Tomás e dona Celina.

As pessoas que estavam a espiar entre os buracos de suas portas de casa, começaram a amaldiçoar essa praga contra suas casas. Os religiosos começaram a rezar duas e mais vezes com suas cruzes nas mãos, enquanto isso, alguns só reclamavam.

- Okooooo tchapalama mwele tchaluaaaaaaaaaaaaa
- Oko, isso vai mesmo lá longe...
- Ame Maria...
- Graça, graça, graça.

Apressados em velocidade de ambulância, os três homens corriam e atrás deles a senhora seguia em justa velocidade. O homem de rosto negro e o jovem Ndilimeke estavam sentados olhando para qualquer coisa que lhes distraia enquanto conversavam, mas de repente viram poeira e pessoas correndo com passos de emergência. Eles corriam e ao levantar poeira, cruzavam e recolhiam a poeira que antes tinham levantado e, ficou muita poeira que só era possível reconhecer quando estivessem a se rir.

Atentos na diirecção da velocidade, de tanta poeira que os senhores levantavam, apenas reconheceram a voz da senhora que gritou.

- Ene, aí não, curvem na direita...

Os três homens começaram a travar e ainda escorregaram levantando mais poeira. Uma senhora queria espirar e de repente viu três homens a escorregar para a sua

direcção e ela fechou o portão muito rápido e gritou enquanto corria.

- Está amarrado, eu não sou daqui. Isso não me acusa.

Os homens escorregaram e se bateram no portão da senhora e fizeram um grande barulho. E a poeira se levantou em alto como se uma bomba estivesse explodido. A senhora olhou para trás e ao ver a poeira a se levantar no portão disse: -aie, a maldição foi quebrada bem aí. No meu quintal não entra.

Desta vez a senhora corria na frente dos senhores, mas agora, estavam, numa outra rua, mas antes ela olhou para trás e gritou.

- Avô Elias, estamos a ir lá...

Ndilimeke olhou para o seu avô, mostrando dúvida, mas seu avô com calma respondeu.

- É uma frase ambígua.

- Ambíguo?... O que é isso?

- Ambíguo é uma palavra com sentido equívoco. Ela só disse, "- Avô Elias, estamos a ir lá... Não é isso que ela disse?

- Sim avô, foi o que ela disse.

- Mas ela errou?

- É claro que não. Mas eu pergunto a você, onde é que ela está a ir?

- Ela está a ir... será que, na casa do... epa, acho que não sei. Talvez na casa do senhor dos coelhos.

- Ambiguidade. O que ele falou, nos causou confusão, em língua portuguesa, se diz ambiguidade. É um adjectivo que se pode tomar em mais de um sentido, equívoco, ou melhor, é quando você fala uma coisa, ou frase, cujo procedimento denota incerteza, insegurança.

- Ok, é por isso que não sabemos onde é que ela disse que está a ir. Mas avô, como é que ela devia falar?

- Pense.

- Eu estou a ir para o sítio tal, assim?

- Isso mesmo, quando você não fala com clareza, você deixa as pessoas com dúvida ou, que elas concluam o seu pensamento, e, às vezes não é bom. Seja claro. Por isso que, meu filho, mais importante do que responder de forma certa, é importante interpretar a pergunta. Ensinei muitas pessoas a ser gente.

- É, mas imagino que ninguém agradeceu por isso.

- Essa é a questão, mas não vivas de elogios, antes, avalie a intensidade das palmas e de certos elogios.

- Avaliar a intensidade das palmas. Avô devemos nos revelar e sorrir diante dos aplausos.

- Tolice. Muitos mosquitos morreram assim. Quando você se irrita com o barulho de mosquitos no seu ouvido, você forma um exercício de dedos para matar o mosquito, e isso forma palmas, mas o mosquito pensa que é elogio e se alegra, sem saber que são palmas para morte dele.

Ndilimeke ficou sem jeito e as palavras ficaram desordenadas sem pensamento, mas se preparou de novo para tirar uma outra dúvida da sua cabeça, por isso disse:

- Mas só se a pessoa for um cavalheiro real com classe e educação desde o seu berço de infância. Fora disso, nem todos aprenderiam isso...

- A natureza de um homem é manter a sua natureza e pensamentos em sigilo. O nome de um bom homem deve aparecer nos jornais memórias das mocinhas de diferentes idades; quando ele nasce, quando ele se casa e quando ele morre.

- Então está complicado para mim. Eu não tenho uma boa história, e onde nasci não é um bom sítio...

- Nada mal. Ser um bom homem não tem nada que ver com o lugar onde ele nasceu. O homem aprende a ser um cavalheiro.

- Mas como?

- Tudo começa com a sua apresentação. E hoje, para começar, antes de te sentar devias pedir permissão, afinal de contas eu sou mais avançado de idade que você e, e saber falar.

- O senhor vai me ensinar a falar?

- Ser cavalheiro não tem nada que ver com o seu jeito de falar. Como José João disse (Jonh), o importante é relaxar e ser confiante, e, não há nada de nobre em ser superior ao seu semelhante, a verdadeira nobreza é ser superior ao seu antigo eu. Fique atento naquilo que ouve, pois é o mais importante.

- Mas...

- O que você ouve é mais importante do que aquilo que você fala. Aquilo que você ouve, não sabes, mas tudo que você fala, já sabes.

- Mas por que?

- Porque responder antes de ouvir a pergunta toda, tolice é. E, porque a cada palavra que você proferir, lhe servira como sentença.

...

Os senhores corriam apressados, cansados e poeirados, acabavam de chegar a casa do senhor Tomas, mas enquanto chegavam foram surpreendidos com mais enchente e, todos acusados com pistas segundo os seus pensamentos. Diante de todas acusações, no centro de uma grande multidão, estava um jovem inerte e calado, e aceitava todas as acusações de todos esses problemas da hora, e as pessoas dizem contra ele.

- Nesse bairro ninguém gosta mais de mexer nas coisas alheias.

Alheios a toda situação e inseguros, os três senhores e a senhora, ficaram parados em um tempinho enquanto olhavam e escutam tudo, recuperaram as forças pois estavam muito cansados, até mesmo a boca.

Era uma manhã com muita agitação no bairro. Alguns corriam para se afastar dos problemas, mas outros corriam segundo os que corriam, só para saber

Porque que corriam todos para uma direcção, mas no fundo, todos rezavam para que o iminente natal não fosse adiado por causa desse problema.

Os distraídos se surpreendiam com os passos firmes de três senhores que não olhavam para a esquerda nem para a direita.

Como tropas sem medo de qualquer inimigo nem de suas balas, um agente da polícia acabava de fazer a última curva que dava aceso a casa da agitação. Todos marchavam no mesmo passo, ora em passos desordenados, mas todos para a mesma direcção. Surpresos, a distância viram crianças e velhos. Uns por cima do muro, outros nos ombros de meus pais, mas era visível perceber que todos estavam admirados de alguma coisa muito grave. As pessoas que seguiam os três homens, viam uma movimentação, correram mais rápido e deixaram para trás os quatro homens. Ao chegar ao quintal, viram uma movimentação e todos vestidos de medo e ouviam várias acusações contra o jovem. Os três policiais com fardas incompletas e com voz de ordem, disseram:

- Chega, aqui é a polícia. O que se passa com esse homem?

- Ele está preso aqui na minha casa. – Respondeu o dono da casa.

- Preso, o senhor é uma autoridade?!

- O ano passado esse jovem desviou as minhas galinhas. E hoje de madrugada na minha capoeira desapareceram cinco coelhos, e ainda por cima ele é mal educado.

- Ser mal educado não é crime! Saiba ó homem, essa é a última coisa que o senhor falou – respondeu o policial com uniforme incompleto.

- Mas as galinhas e os meus coelhos como é que fica?

- Isso não é importante.

- Quer dizer que as minhas galinhas e os meus coelhos não são importantes?! Não importa, ele tem que devolver os coelhos.

- O senhor está a roubar o tempo da polícia e a apresentar mais resistência. Serás detido. Já disse que ser mal educado não é crime.

As pessoas ficaram inseguras e todos os acusadores desapareceram. Os que ficaram, somente reclamavam com os olhos. Os policiais estravam vestidos de forma a se desconfiar, mas não percebiam nada. Um dos policiais estava com um chapéu qualquer mas usa botas policiais e, o outro estava com uma camisa de um uniforme qualquer de um dos colégios da china.

- Senhor – disse um dos policiais – em nome da lei, não consideramos nenhum coelho, porque você terminou falando que esse homem é gatuno, e mal educado. Isso também é crime, porque você está acusando a mãe dele, o senhor está a acusar que o pai dele não lhe educou. Senhor, isso é crime. Na lei desta Angola, o que o senhor falar a partir de agora... não brinca, serás detido. Agora, em nome da lei. E como terminaste acusando o outro, o filho alheio, então você se tornou o culpado desse problema.

- Mas como assim.

- Meu senhor, leia a bíblia, o que importa não é o começo mas o fim.

As pessoas ao verem o chapéu da polícia, temeram e deixaram espaço. Os policiais agarraram nas calças e camisas do acusado e levaram o jovem acusado. Já distantes os policiais gritaram.

- A polícia vai cuidar das galinhas.

O senhor Mateus ficou cansado na hora e reclamou no seu interior. Muitos corriam de um lado para outro e muitas informações, vindas dos dois quintais se cruzavam na rua, mas ninguém conseguia juntar os dois problemas na clareza

dos factos. As mulheres se esqueceram que mandaram os seus filhos a praça, e por isso, lamentavam em desespero. Nos chafarizes e lavandarias e noutros espaços, só se podia ver baldes vazios e preguiçosos cansados de tanto olhar. A sede e a fome se transformaram em medo.

Depois de alguns minutos, as pessoas viram quatro homens a chegar com grande velocidade, e todos abriram caminho e os seguiram até ao lugar em se sentava o senhor Tomás. Apressados em transmitir a informação, se esqueceram de saudar e perguntaram:

- Ó senhor Tomás, você aqui tem coelhos? - Perguntaram os três senhores e uma senhora.

- Os coelhos não são esses que estão a roubar - respondeu o senhor Tomas.

- Ó mano Tomás, os teus coelhos estão na casa do tio Mateus Ndimba, o enfermeiro.

Ao ouvir isso, todas as pessoas se meteram a correr em direcção a casa do senhor Tomás.

...

Ndilimeke e o homem de rosto negro cabelo branco, não estavam desatentos, mas descansavam na calma de seus conhecimentos. Conversavam seguros de que, a falta de conhecimento é a causa de correrias sem direcção.

Ndilimeke estava mais atento na gula de seus atrevimentos e, dividiu a sua atenção, 65% na rua e 35% na conversa com o seu avô. Ele queria correr e se juntar na correria das novidades, mas o seu avô lhe assegurava que tudo estava bem e seguro. Enquanto o velho conquistava o amor perdido e auto desprezo de seu neto, uma multidão em poucas palavras começou a passar pela rua, indo em direcção a casa do senhor Tomás.

Caminhavam em passos investigativos e não de autoridade. Ndilimeke desta vez percebeu que as pessoas estavam mais calmas e seguras de uma solução. Ao chegar a casa da senhora Caty, de longe, fora do quintal era visível o desespero das pessoas. Uma grande multidão estava na casa da senhora Caty, mas olhando para trás, uma multidão viu outra grande multidão a chegar, e uma grande poeira levantada atrás deles. A multidão que chegava não parava e, a multidão que estava em casa, deixava caminho para os que chegavam. O medo de muitos aumentou, mas o senhor Tomás seguia com passos firmes, perguntando onde estavam os coelhos. Todos ficaram sérios e com grande medo olhavam para o senhor Tomas, e, ele sem esperar entrou na casa onde estavam os temidos coelhos do mato e entrou para tirar os coelhos. Em pouco tempo, ele saiu com os coelhos na mão.

- Como se pode ver, coelhos desenhados com cores, não são coelhos da mata. Esses coelhos são meus.

- Como assim? Como é que chegaram aqui?

- Na minha casa tem um cão que é visita e ainda não se acostumou com os coelhos, imagino que correu com eles, e acabaram por procurar um refúgio.

- Isso é azar...

Mas o senhor Tomás disse com orgulho e certeza.

- Desculpa, mas coelho do mato dentro de casa não é azar, é do vizinho.

Amanhã é Natal

Com saudades do seu quarto e do seu pai, Ndilimeke respirava novos ares e se acolhia no leito do seu avô. As dores do passado e as inquietudes do futuro ainda se fundavam em cada dia do seu presente. Melancolia e remorso eram contra ele, como testemunhas acusadoras e sem piedade, mas na presença do seu avô que sabia de todas as causas e acusações sobre ele, respirava novos ares. Sem que Ndilimeke soubesse, seu avô o resgatava de quaisquer acusações, acolhendo-o com palavras e atitudes credíveis de se auto-amar, tal como se ouve e se lê nos livros de fé.

Nas ruas e em muitas casas, já era possível ouvir gritos de animais pedindo socorro. Via-se em todos os lados crianças, jovens a correr atrás de galinhas, enquanto as senhoras corriam atrás de cabritos. As senhoras corriam com cordas atrás de porcos e cabritos. Os animais corriam para escapar da água quente e da festa de natal, enquanto as crianças se divertiam com massa de bolo entre os dedos.

Ndilimeke reconheceu que esse seria o seu primeiro natal fora da casa dos seus pais. Olhava para todos os lados tentando achar uma amizade. As moças bonitas passavam com as suas bacias sobre a cabeça, contendo ingredientes para fazer bolos, era natal, e tudo era como tal. Em muitos quintais os fornos começaram a acender-se e, como era de costume, só se faziam bolos de noite, por isso que se acendiam os fornos ao cair de tarde.

No imaginar de todas emoções de natal, uma bela moça estava a passar de longe e cruzaram olhares com Ndilimeke. Ambos se olharam fixamente em contactos, em curvas de imaginações apaixonantes, como num romance profundamente desenhado em amor e silêncio.

- Avô, o senhor também acredita que não é "bom que o homem viva só"?

Seu avô sorriu em discretos pensamentos e com um olhar, disse:

- Você se apaixonou mas pergunta a mim sobre viver só? Certamente não o responderei agora.

- Não. Vai demorar?

- Talvez. Ultimamente parece que os dias estão passando muito mais rápido. Muitos pensam mais no passado, outros pensam mais em aperfeiçoar o futuro e se esquecem de viver o presente. Algum dia terá mesmo que te casar.

- Avo, algum dia mais?! Eu tenho mesmo que casar, e já.

- É mesmo?!

- Sim avô. É isso mesmo o que eu quero.

- Antes de aprender a andar, o cágado aprendeu a contar. Ainda não te acho capaz, meu filho.

- Mas os desejos... Os desejos, avô?

- Claro, você quer simplesmente ter um desejo?! O desejo cumprido agrada a alma, mas o tolo odeia afastar-se do mal.

O homem de rosto negro cabelo branco, depois dessas palavras, em seus pensamentos ficou em silêncio.

- Antes de Primeiro Deus criou os céus e tudo o que existe. Só depois convidou o homem para participar da festa da sua bela criação. Meu filho, cuida bem dos teus negócios hoje, aproveita e te prepara, depois forma a tua família.

- Mas eu sou jovem e ainda não tenho experiência de trabalho.

O velho ficou em plena reflexão. Pensou imaginariamente no desprezo que o jovem Ndilimeke tem ouvido, e o quanto tem sido desprezado, e ao ouvir isso do jovem, o amou. Depois de alguns minutinhos, olhou nos olhos de Ndilimeke e descobriu mais outros talentos adormecidos. Então se levantou para terminar a conversa e, disse:

- O talento é um complexo de virtude, às vezes inseparáveis de defeitos.

O velho de rosto negro cabelo branco parou mais um instante e depois disse:

- Os fantasmas da emoção são mais perturbadores que os inimigos da floresta.

A sentença

Eram 4 horas da manhã e 18 minutos, jovens, velhos, senhores e pessoas de todas as idades corriam por todos os lados buscando informações e sintonizar qualquer aparelho de rádio. Em consequência do medo e exagero dos exagerados, para não perder nenhum parágrafo da informação, algumas pessoas decidiram dormir nas casas das pessoas que possuíam rádios, pois, eram poucos e muito bem conhecidos e respeitados. Os velhos de idade mais avançada e os jovens que se enamoravam de sua idade, muitos desprezam os estilos de suas idades e com medo e preocupação dessa informação, acabavam de se vestir na rua em passos de ansiedade, em busca de informação e prova desse interesse.

Ainda estava escuro. As luzes, como num dia de passagem de ano, acendiam-se por todos os lados e as ruas estavam repletas de agitação e ansiedade. Era tanta agitação nas ruas e dentro das casas, mas ainda assim era possível ouvir em qualquer lugar o chiar de muitos rádios e serem sintonizados. Enquanto isso, os técnicos de reparação de rádios batiam nos aparelhos enquanto consertavam os mesmos.

Os velhinhos e seus mais chegados netos, um e outro, se rendiam a manivelar os rádios para dar carga, enquanto tentavam sintoniza-los em qualquer frequência, mas sem sucesso. Os bairros pareciam estar nas palmas de todos, pois, para além das ruas, também se sabia de tudo que estava a ocorrer no interior das casas, e tudo transformava muitos homens iletrados, homens com ambições de querer saber o significado de pelo menos uma letra. Os variados comentários mas, os argumentos às vezes se cruzavam numa única frase, "a sentença". E todos se cruzavam nas ruas de seus pensamentos, repletos de discórdias. *"Como assim, por que?... mas esse país é Angola!"*

Muitos vizinhos se reuniram nas salas, nos quartos, em plena aflição em nome da mesma causa, a "sentença". Muitas casas estavam vazias, mas outras estavam repletas de emoção ou medo do poder da nova língua e da fama que ela

trazia "sentença". Com tanta expectativa, numa das casas em que se reuniam muitas pessoas, o dono da casa de tanta ansiedade e ao mesmo tempo medo, para não perder nenhuma informação sobre essa tal sentença, ele ligou o seu rádio as 04h00, o que fez com que a carga do seu rádio não durasse muito tempo por isso, o seu rádio se desligou antes das 05 horas da manhã.

- Ene vakwe, nos fizeram isso por que? – Reclamavam as pessoas.

A casa estava abarrotada de gente, e logo que o rádio se desligou, todos saíram a correr para qualquer direcção e em menos de 1 minuto a casa estava vazia, mas ao se empurrarem para sair, a porta estragou e ficou a abanar com apenas uma dobradiça e uma parte no chão. Alguém olhou para trás e ao ver a porta no chão e gritou:

- Ene vakwe, vejam a porta alheia... caiu.

- Ó vizinha não se preocupe, eu sou pedreiro, vou construir outra porta.

- Não! Não se constrói... estou a falar da porta, caiu.
Um dos homens se apressou a responder.

- Não tem problema, a porta é de madeira, na minha casa tem pregos. Vamos corram.

Vizinhos, amigos conhecidos e desconhecidos, todos se tornaram amigos em busca dessa verdade desconhecida a "sentenças".

- Vamos para a casa da vizinha Leni.

- Eles têm rádio? – perguntou alguém.

- Eles não têm, mas eles conhecem alguém que tem.

- Oh! nós queremos saber de alguém que tem rádio.

- Ó vizinho isso é verdade, nesse momento um rádio é mais importante do que um prato de arroz com feijão.

- Arroz com feijao?! Ó rapaz, estás em que século?

- No século da graça, e eu te aconselho a não desprezar essa graça sobre a sua vida.

- Que graça?

- De duas. Salvação de graça e este é o tempo em que qualquer um pode comer arroz com feijão. Ó pai antigamente só os reis podiam comer arroz com feijão. Os pobres sentiam o cheiro, alguns ainda comiam no natal.

- Epa, em vez de discutirem de arroz com feijão, deviam pensar onde é que podemos encontrar uma coisa que se chama rádio, já que nem todos podem ter hoje, no teu século da tal graça, segundo você.

Homens com responsabilidade corriam em velocidade e emergência, mas não sabiam ao certo para onde iam, apenas corriam enquanto pensavam em encontrar em seus pensamentos, onde encontrariam alguém que tivesse um rádio. Eram tempos de fama rara e, aqueles que tinham nome, tinham poder. Poucos tinham o direito de ir para uma loja e comprar seja lá o que for, senão os poucos que tivessem um passe de reconhecimento. Nessa hora, a pessoa que possuísse um rádio era como a pessoa que tem o poder sobre a chuva em pleno deserto. Em busca da sentença, nas ruas escuras, as pessoas se cruzavam e já não era possível ouvir mais nada, senão o barulho de passos de preocupação.

Entre os que corriam para essa direcção por hora incerta, estava um jovem muito apaixonado por uma jovem e ensaiava ir a casa dessa moça, mas não tinha como, pois, o pai da moça que ele amava, era rigoroso na vigilância de suas filhas e duro para com qualquer jovem que de alguma forma se aproximasse delas. Mas nessa hora se lembrou que na casa dessa moça que ele amava, tinha um rádio, e, que lá não só ouviria a sentença, mas estaria ao lado dela. ***Não importa a informação, desde que eu esteja dentro daquela casa...***

- pensou ele. Ele calculava a oportunidade de estar a entrar no quintal sem antes ter que pagar o dote ao pai da moça, ou pior, sem que ter que correr ou esquivar uma flecha de morte

mirada pelo pai da jovem. Em seus pensamentos sentiu medo, ao ver que o pai da jovem por costume tem andado com uma catana sobre a sua cintura, e sem nenhuma expressão de amizade.

Eles já tinham corrido uma boa distância e já tinham passado pela casa da senhora Leni. Mas com um sorriso oportuno, em pensamentos amorosos, o jovem apaixonado gritou:

- O senhor Carlos não tem rádio, mas ele repara rádio.

Em seus pensamentos todos reconheceram essa verdade e pararam em seus pensamentos mas os seus corpos ainda corriam sem uma justa direcção. O homem que corria na frente parou de repente e disse:

- É verdade!

Os homens que lhe seguiam se travaram atrás dele e se bateram uns aos outros.

- Ai...

- Epa...

- Ene...

- Ove cuidado, oko.

Agarraram-se entre si e começaram a voltar a correr para a mesma direcção em alta velocidade. Mas esse jovem corria com velocidade de amor. De longe viram a casa do senhor Carlos e começaram a gritar:

- Vizinho Carlos...

- Compadre, compadre...

- Mano Carlos.

- Tio Carlos.

Como num toque de alarme, todos ao mesmo tempo gritaram:

- A sentençaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa.

Por sua vez, o senhor já sabia que teria essa visitação, abriu a porta e gritou.

- A sentença já foi dada.

Todos ficaram desmoralizados em seus esforços, molhados em muitos pensamentos e em desespero, mas clamaram:

- Não! Isso é injusto.

Já eram quase 05h e o barulho nas ruas havia diminuído, mas dentro das casas que tinham rádio, o barulho agora era outro.

- Encosta lá.

- Espera... ainda tira a tua mão daí.

- Ah, o teu nariz está a me tapar.

- Senta bem, ene, olha o teu pé...

- Ah, o importante é ouvir, né.

- Não! Eu quero ver o rádio para ouvir bem.

- Epa, barulho.

Os minutos se passavam e o rádio só chiava porque a única sintonia abria as 05 horas da manhã. Todos estavam bem atentos e olhavam para o rádio sem pestanejar. Empurravam-se querendo olhar ou tocar no rádio. Desde que chegaram já tinha se passado mais de 5 minutos, mas parecia que tinha se passado mais de 5 horas. Ansiedade e desespero dominava todo o local. Mas para o jovem Nambalo o tempo passa mais rápido. Ele olhava com código para a sua amada e agradecia pela sentença.

De repente em qualquer lugar e em outros se ouvia, como um alarme público, um barulho conhecido como a abertura do sinal de rádio. Tim-tim-tim-tiiiiim...

- Bom dia, são 05h00 em todo o território nacional de Angola.

Uma vinheta conhecida na rádio, começou a tocar, enquanto isso, se esperava pelos destaques em seguida a vinheta, os homens que se cruzavam à volta do rádio, rezavam que a informação fosse a primeira coisa no destaque. Alguém queria falar alguma coisa mas foi impedido com um toque e stop, um dedo fechou a boca desse jovem e todos se

recolheram em seus atrevimentos. Depois da vinheta, na rádio começou a tocar uma música e todos reclamaram.

- Ah não, música não, não, a sentença.

A música tocava mas foi interrompida por um outro som próprio de rádio e uma voz em seguida falou.

- Bom dia, esta é a emissora nacional de Angola. São agora 05horas da manhã e 1 minuto...

O jornalista começou a descrever a síntese do programa do dia. Quando o jornalista tocou no assunto e falou:

- A sentença...

De repente todos na sala começaram a gritar:

- Ah não, ah não agora não.

E o rádio começou a desligar-se por falta descarga.

- Ehhh – silêncio.

Por fim, o rádio se desligou por completo.

- Não pode ser. Qual é então o problema?

- A carga acabou.

- Mas como assim carga acabou?

- A carga acabou.

Enquanto alguns discutiam entre ligar ou não ligar o rádio, alguns passos já se movimentavam em retirada, em busca de outra casa.

Nas ruas algumas pessoas estavam animadas e argumentavam tudo num bom português como de brancos. As pessoas que alguma vez tinham sentado nas carteiras, eram como modelos e a eles muitos pediam que lhes desse aula extra.

- Mas isso também não podia ser assim. Nós estamos em Angola, como é que estão a nos obrigar com essa sentença. Isso está mal.

- E eu que já sou velha quando é que vou aprender mais isso.

- Oko, nós já somos velhas. Quando é que vamos aprender esse tal protu ou portrusgueses. Oko sei lá se é como?

- Ó mãe é português.

- Ah, eu ainda tenho que trabalhar para comprar fuba ou vou ainda aprender mais isso.

- Kia kia kia kia, aiwe mana, se for assim, não era mais preciso meter mais essa lei.

- Então, é preciso estudar, dizem que não se fala à toa.

- Eh mana, eu estudei "janjologia" com os mais velhos do kimbo, não vou aceitar qualquer pessoa me mentir. Eu sou angolana pura, eu sou negra, mamã. Eu não sou mbora de lá dos tais protu se é progales.

- Eh mana, esses brancos mandam aqui, uéé.

- Mandam aqui?! Espere só mana, espere só até o meu filho crescer, ele que é mbora bem esperto. Vai mudar esse país. Eles já nos encontraram aqui, por que não aprendem também a nossa língua?...

- É verdade, por que não aprendem a nossa língua?

- Okamene, falar assim não é difícil. Isso também é língua de pessoa.

- Tchu, Ihepeyko.

- Tchu!

Enquanto as senhoras conversavam animadas, alguns jovens se aproximaram e saudaram:

- Bom dia, minhas tias!

- Bom dia meus filhos! Ainda nos falem só um pouco dessa tal lei da rádio.

- Eh tia, falar dessa lei até dá medo. Agora é que vamos ser escravos em nossas próprias casas...

- Como assim?

- A tal sentença diz que a partir de hoje, toda pessoa que errar ao falar português dos portugueses, terá uma sentença ou até pior.

- Mas assim a tal sentença que vão lhe dar vai levar para a casa dele ou vai fazer o que com a tal sentença?

- Não, ele vai ser sentenciado.

- Ó então sentença é o que?

Uma das senhoras se atreveu a responder e disse:

- Ó mana, sentença é aquilo que fazem nas pessoas, quando amarram as pessoas nas árvores para todas as pessoas ver.

- Uaaaaa! Fizemos o que para merecer essa tal sentença, eué.

- Kia kia kia kia, não é bem assim tia. Sentença é tipo lei. Se a pessoa errar, vai pagar uma multa ou vai para a cadeia.

- Não pode ser. Está amarrado. Mas por que que vou para a cadeia se eu não fiz nada?

- Espere. Por exemplo, a tia manda o seu filho para lavar os pratos. De tarde quando a tia voltar a tia lhe castiga com uma coisa, tipo comer funje sem peixe ou banhar com água fria.

- Meu filho, está amarrado. Ó meu filho, eu não lhe mando banhar com água fria de noite, se ficar doente, nunca.

kia kia kia kia kia! as outras senhoras começaram a se rir e batiam palmas enquanto ajustavam seus panos.

O jovem que estava a explicar, chegou-se mais próximo e começou a explicar com exemplos e dizia:

- Tia, imagina que eu cheguei aqui. Olho na bacia dos bolinhos, olho na tia, olho nos bolinhos, olho na tia e depois tiro esse bolinho aqui, esse e meto na boca.

Com bolinho na boca, o jovem fez um gesto de calma, enquanto mastigava o bolinho e, em seguida tirou mais um bolinho e meteu na boca. As senhoras se olharam e franziram os rostos.

- Depois, vejo que algo está estranho, então tiro esses dois bolinhos que estão aqui e espero para arrefecer e depois dou um bolinho ao meu amigo e eu percebo que os bolinhos que estavam na minha mão, já estavam pagos pela tia, porque faziam parte do negócio e porque já comi.

Todos só ficaram a olhar para ele, então ele ainda disse:

- Então a tia leva o caso ao tribunal e, depois de explicar tudo, o juiz bate o martelo e diz:

- Você é culpado por comer os bolinhos. Isso é sentença.

- Meu filho, ainda paga os bolinhos que comeste.

- Está bem tia, ainda deixa te explicar melhor.

Uma das senhoras disse:

- Ó filho, ainda explica só bem, não come mais os bolinhos.

- Está bem tia. A sentença diz que se alguém errar em língua portuguesa vai pagar dinheiro aos brancos de Portugal. Quer dizer que tem que falar bem português.

- Ó meu filho, então me ensina a falar esse tal português.

- Sim tia, mas posso tirar mais um bolinho?

- Tche mana, não lhe dá.

- Não é para mim, é para o meu amigo.

Nas ruas, as pessoas se cruzavam e falavam português. Se alguém quisesse falar nyaneka, umbundu, kwanyama ou uma língua africana de Angola, era afastado no seio social ou visto como inimigo. Como se tratasse de uma "pandemia", a sentença afastava as pessoas umas das outras. De longe as pessoas olhavam na direita e esquerda para ver se um polícia estivesse próximo. Mas todos evitam se comunicar por meio de fala, somente gesticulavam para evitar qualquer erro em português. Era como uma pandemia da linguagem. Pela primeira vez, nas ruas da cidade de Santa Bandeira, as pessoas começavam em gesto e, em menos de 24 horas. Alguns para escapar de conversas, mais rápido que o olhar, mediam comida na boca para evitar falar, pois diziam em seus pensamentos – não se sabe, às vezes posso estar a falar com um polícia que só guardou a sua farda na mochila.

A cidade ficou desconhecida, por aqueles que se conheciam, mas até mesmo o próprio governo local não estava a entender nada.

Inventaram o abanar da cabeça, da direita para a esquerda para significar negação, inventaram o fixi, o ok, o depois, e outras formas de se comunicar em gestos. As pessoas com deficiência auditiva começaram a ganhar espaço na sociedade e muitos se esforçaram para aprender essa forma de se comunicar... por fim, inventaram a venha e o povo asiático ao ver de longe, se apoderou desse gesto e hoje, é como a forma mais viva e clássica de saudação. As pessoas que sabiam falar um pouco de português recebiam presentes e comiam bolinhos sem pagar e esses diziam:

- Uh como é bom viver em Angola.

Mas por trás dessa toda agitação, algo não estava muito bem claro, mas aqueles que dominavam, se calavam para ganhar lucro.

Depois de meses de férias em Portugal, todo povo sabia que o general Norton de Matos, administrador da província de Angola, acabava de chegar a Angola e diziam:

- Só tem que ser ele que trouxe essa sentença.

- Ene vakwe, por que esse senhor não foi só para a reforma, ué?

- Ove, oh mana, esses são brancos, quem disse que são como nós, eles são como anjos.

Num dos bairros da vila, existia um negro, muito conhecido por trabalhar com os brancos e dominar o português e o inglês que até muitos brancos não dominavam. Ele era conhecido como o mais velho Elias Cambaiambo, e, mesmo sem entender, as pessoas aprenderam uma das frases que tanto ele usava e diziam como imitação a ele, "manners make man...". Ele ocupava o cargo como mordomo da casa do conhecido branco, chefe da vila de Santa Bandeira. Pelo bom nome e fama que esse senhor tinha, era até cobijado por outros brancos. O representante da vila.

...

Um dia antes dessa história da "sentença", o filho do senhor Elias Cambaiambo visitou a casa real da cidade a pedido do general, enquanto o menino saía, admirado espaço, ainda ficou a olhar a volta da casa para gravar na sua memória e se gabar que pisou e tocou a pele de um branco de Portugal. A emoção por receber um relógio de um homem branco baralhou todo a sua atenção e começou ouvir uma conversa de longe. Desde que soube que os brancos queriam roubar a sua terra, João e seus amigos nunca mais quiseram saber de nada que fosse dos brancos, por isso que nunca tinha se interessado em aprender falar inglês, ele nunca se interessou, por saber que também é coisa de brancos. Com tantos pensamentos, de longe ele ouviu uma voz muito grossa como ordem que disse:

- Sim... yes...

O menino ao ouvir "yes", parou por um instante e ficou assustado. Tentou pensar em qualquer problema mas não encontrou nenhum. Olhou para o seu pulso e queria arrancar o relógio e botar, mas pensou, "**se for mesmo um**

problema, esse é a prova de que eu estava aqui e ouvi tudo.

Mas dentro da casa real, o chefe português, forte e barrigudo que conversava com o senhor Elias, olhavam nas folhas espalhadas sobre a mesa, com frases em inglês, enquanto estudavam juntos, formavam novas frases, de português para inglês.

- Essa é a frase do dia de hoje, vai repeti-la, "all day long", todo dia, ou melhor, até que a tenhas na ponta da língua, é de certa forma uma das formas de se estudar o inglês.

- Ok – respondeu o homem branco.

- You now, vês essa frase? – Disse o senhor Elias.

Até ai, os ouvidos do menino João estavam mais activos e ele também tentou se aproximar e por fim ouviu quando o homem branco falou:

- Yes! I see a sentence.

SENTENÇA! – Exclamou o menino João, filho do senhor Elias. O medo rasgou toda a alegria do seu rosto do menino e começou a caminhar com medo e transpirava muitos problemas. *Agora é que vai, vão dar uma sentença!* Reclamava o menino em desespero. *Só tem que ser para aqueles que não sabem falar bem português* – pensava ele. O rapaz se apressou e chegou a casa dos seus amigos e começou a contar:

- Eu juro que ouvi.

- Não pode ser – duvidavam os seus amigos.

- É verdade.

- Se fosse verdade, deviam falar isso nos jangos dos mais velhos, não achas?

- Mas já não há tempo.

- É verdade!

- É verdade!

- Isso está mal, esses brancos dão uma lei hoje e já castigam os negros no dia seguinte, quando eu crescer isso terá que acabar.

Algumas pessoas estavam a passar e sabiam que os rapazes que conversavam aí, eram filhos de pessoas famosas na vila. Ao ouvir a conversa dos meninos, descobriram um medo nos rostos deles, então, as senhoras pararam e fingiram fazer uma outra coisa, enquanto ouviam com desespero.

- Esses brancos podem determinar essa sentença ainda hoje, ou amanhã na rádio.

As senhoras e alguns jovens que estavam por aí próximo, ao ouvirem isso, se apressaram e começaram a anunciar no mesmo tom de medo. E um alarme se apitou na vila e por todos os lados se ouvia:

- É uma sentença. É uma sentença.
- O que?! O que é uma sentença?
- Dizem que quem errar em língua portuguesa vão lhe dar sentença.

- Ene vakwe então sentença é o quê?
- Ó mana está a ficar escuro, vão avisar lá em casa.
De longe, uma senhora desesperada gritou:
- Por favor não deixem essa sentença atacar a minha casa.
- Ó mana, amanhã ouve só rádio.

As senhoras se despediram enquanto o sol cobria a terra, e a noite chegou. As pessoas murmuravam e dormiam com pressa e muitas sonharam muitas sentenças com significados contrários.

Muito se ouvia, algumas senhoras choravam diante dos seus maridos com aflições.

Devido à gravidade do alarme da notícia, algumas pessoas dormiram nas casas de seus vizinhos que têm rádios para não perderem a introdução da notícia sobre a tal sentença. As mulheres reclamavam.

- Eu lá no quimbo estava bem, ao lado da minha mãe, agora veja só, me trouxeste aqui onde tem sentença...

No dia seguinte...

Todos se recolheram em seus medos, mas ninguém teve coragem de ir perguntar aos chefes e sobas do bairro. Todos se guardavam em medo para evitar qualquer erro. Diziam com medo: até podemos ir contar isso, mas se errarmos, lá os sobas vai nos prender. Porque ainda podemos errar o tal português na frente deles.

O menino João por sua vez, também começou a ouvir, mas por algum motivo se achou confiante, mas também temia e tremia.

Depois de muita confusão, alguém viu de longe o senhor Elias e se lembrou dele como a pessoa certa para desvendar tudo, por isso, de longe era possível o seu estado despreocupado.

Ao chegar ao bairro, muitos se reuniram à volta do senhor Elias e ele começou a esclarecer que "*sentence*", é uma palavra de língua inglesa, que significa, "frase". As pessoas não duvidaram mas ainda assim alguém perguntou:

- Mas compadre, nós estamos a ouvir que na rádio falaram, que é mesmo uma sentença."

Com amor de seu povo, o senhor Elias sorriu com amor e depois disse para todos, na língua do seu povo, com palavras mais claras para que todos entendessem e disse:

- Pode ser que a pessoa ouviu um pouco diferente do que na verdade se estava a dizer.

Mas ainda assim, uma senhora perguntou:

- Mas pai, assim esse que falou na rádio da sentença queria falar mesmo o quê?

Todos em cheio começaram a se rir, e a senhora também.

- Sentença é a mesma coisa como um despacho, decisão ou ordem.

O senhor Elias se abaixou e escreveu no chão a seguinte frase, "I SEE A SENTENCE". Depois pediu que alguém lesse. Mas todos recusavam a ler e resmungavam:

- Lê só você que sabe ler e escrever. Eu só sei escrever.

- Não! Eu só sei ler no quadro...

- Chamem alguém que sabe ler letra no chão, rápido.

- Minguito, vem ler aqui.

- Ó pai, parece que essa letra, somando com essa letra, vai ser igual a letra "i".

- Mas ó meu filho, isso tudo não é coisa da escola?

- Sim pai, mas o que está a me atrapalhar aí é que depois da letra "s", ainda tem mais dois "e-e".

- Ó filho, então você aprendeu o que na escola?

- Eu só sei ler quando a palavra começa com a letra "n".

O filho do senhor não estava a conseguir ler mas o senhor já se sentia muito orgulhoso porque o filho, entre os muitos era o único que tentava ler.

O senhor Elias só estava atento e observava tudo em silêncio, enquanto descobria as dificuldades que o seu povo tinha. Depois de ouvi-los disse:

- Está bem, esperem aí.

Todos levantaram seus rostos e ficaram em silêncio.

- Meus irmãos angolanos, o que escrevi no chão é o seguinte, "ai si a sêntence".

Todos ficaram de novo com medo, mas alguém perguntou:

- Mas então isso não quer dizer, "a sentença será dada"?

- Sim, é isso mesmo que nós angolanos entendemos. – Responderam todos.

- Mas essas palavras são em inglês. Elas têm outro significado.

- Mas como assim?

- Vou dar um exemplo – disse o senhor Elias.

A senhora dos bolinhos ao ouvir vou dar um exemplo, guardou a sua bacia de bolinhos e foi. Mas o senhor Elias disse:

- Por exemplo, se eu falar, "ele está em cantos de amor", o que significa isso?

- Quer dizer que ele está num beco com alguém a se amarem.

Todos começaram a se rir.

- Isso – disse o senhor Elias. Mas essa frase, pode ter outro significado. Pode significar que ele, a pessoa está a cantar músicas de amor, ou mesmo, em abraços de amor. Quer dizer que, tudo depende do contexto.

- Ah não. Isso é muito difícil.

- Amados irmãos, "ai si a sentence", em português significa, "eu vi a frase."

- É aí onde está o nosso medo. Qual é a frase?

- De morte? Nós não fiquemos nada de errado.

- Por favor, nós estamos na nossa terra

Todos começaram a reclamar e a ameaçar todos brancos. O bairro ficou repleto de confusão. Nesse instante, o menino João chegou e percebeu que tinha causado grande confusão.

Com muita calma e descrição, o senhor Elias esclareceu tudo e, a amizade nas conversas voltou ao normal. Enfim, as

peças voltaram a trabalhar e a conviver como antes, até certo ponto normalmente.

Mas o senhor Elias refletiu profundamente em tudo isso, e sem tardar procurou humildemente todos os mais velhos da sua comunidade e lhes apresentou propostas de criação de novos jangos para que, aqueles que pudessem estudar, ensinassem aos que nada soubessem e que, o que se aprendia nas escolas, fosse partilhado com todos, pois nem todos tinham o direito. Então, escolheram algumas pessoas e fizeram uma lista das pessoas que iriam para a escola, cuja lista seria apresentada numa outra reunião com os brancos. E ficou definido que, aqueles que tivessem permissão para ir à escola, esses iriam para a escola aprender com responsabilidade de aprender para ensinar aos outros. E nessa reunião, também se sugeriu que se escrevesse uma carta sublime, que fosse humildemente dirigida ao administrador local da vila, de Santa Bandeira, cujo teor era a petição de mais pessoas nas escolas, e que em cada comunidade, saísse pelo menos duas pessoas para ir a escola.

Ao fim e ao cabo, o senhor Elias voltou para a sua casa. A sua família o aguardava com anseio e muita honra, pois sabia de tudo que acontecera em toda comunidade. Mas num canto de casa, o menino João gemia de medo pois sabia que teria uma grande sentença, pelo tumulto que causara. Ele sabia que seu pai sabia que era ele. Mas sem lhe prestar muita atenção, o pai do menino João começou a tirar de um saco algumas bolachinhas, rebuçados e começou a distribuir para cada um deles e depois chamou o menino João e disse:

- Meus filho, isso é para ti.

O menino recebeu com medo. E quando a noite cobrava descanso a todos os homens, o menino João ainda estava sentado num canto de casa, esperando o momento da sua sentença. O medo lhe roubou o sono e a noite se tornou estranha. Seu pai percebeu que havia algo estranho no quarto, se levantou e foi ao quarto do menino.

- Meu filho, por que você está gemendo?

- Porque eu cometi, e estou com medo que o pai possa me bater.

- Por que? – perguntou o seu pai.
- Porque eu causei problemas.
- E onde está o problema agora, meu filho?
- Foi resolvido.
- Você agiu com medo. A intenção era de salvar o seu povo.

O rosto do menino começou a ganhar vida. Mas guardava sua emoção no seu coração.

- A partir de amanhã passarei a vos dar aula aqui em casa...

Sem responder, João começou a sorrir.

- Gostaste?

- Também quero aprender aquela língua que o pai falou lá.

Seu pai se riu, e seu filho sorriu também.

- I love you. Isso significa, "eu te amo".

O menino ao ouvir o seu pai falar eu te amo, o coração dele explodiu por dentro. Nunca o seu pai lhe tinha dito isso.

Toda confusão passou, mas em poucas horas desse problema, as pessoas se tornaram mestres de comunicação gestual. Os mudos começaram a sorrir com excelso louvor, e a comunicação se tornou fácil para todos. Mas o tempo passou, muitos esqueceram esse jeito particular de se comunicar e nem sequer se esforçavam para aprender mais, mas, alguns ganharam novas amizades ao se comunicar com algumas pessoas de deficiência auditiva, pelo que, se profissionalizaram e foram conhecidos como professores de comunicação gestual. Mas ainda assim, muitas pessoas desprezavam seus filhos porque não sabiam falar a língua de uma pessoa distante. Muitos se guardavam de falar a sua própria língua, e as línguas nativas começaram a morrer dentro daqueles que cresciam nas carteiras, só para não serem chamados de tolos.

As pessoas começaram a se dedicar com todas as suas forças para aprender a falar o bom português e se tornaram mestre dessa língua e conheciam em papel com descrição terras alheias. Mas desconheciam as suas próprias terras que sustentava seus corpos, nem mesmo a sua própria língua sabiam falar. Até hoje.

...

Depois de o jovem Ndilimeke ouvir toda essa história, em seus pensamentos começou a viajar em tempos alheios e pensava como era viver naqueles tempos. Mas pensava como era viver em tempos em que a rádio nacional e a TPA em Angola, tinha tempo de abertura e fecho de programas. – Como era naqueles tempos. Em seus pensamentos, Ndilimeke lhe escapou algumas palavras e perguntou:

- Avô, e quanto ao filho do senhor dessa história que o senhor acabou de contar?

O homem de rosto negro cabelo branco sorriu e em seguida sentiu saudade daqueles tempos. Tempo do renascer e das descobertas. Reconheu-se em muitas saudades e da sua juventude. Endireitou-se na sua moleta, se arranhou na cabeça pintada de cabelo branco, imaginou como estaria seu rosto agora e se aceitou. Depois de alguns minutos, os dois em silêncio, o velho olhou para o seu neto e disse:

- Esse menino da história da frase da "sentença", sou eu. Ndilimeke ficou com a boca aberta, em silêncio.

O velho se levantou, apoiando-se na sua moleta.

Ndilimeke ficou inerte, mas uma lágrima rolou no seu rosto.

Um pretérito imperfeito

A hospitalidade de Ndilimeke na casa do seu avô, lhe fez reeditar a sua personalidade e seu estilo de vida. As suas paixões, pensamentos, até mesmo o ritmo do seu coração mudou. Nunca tinha pensado em trabalhar de forma justa, mas agora, pensava em arranjar um emprego e oferecer um presente ao seu avô. Só vivia reclamando, e seu avô sabia, mas nunca lhe cobrou nada, em vez disso, lhe acolhia, e não lhe jogava sua história da cara. Mas desde que passou o natal com o seu avô, enquanto fugia o castigo na casa do seu pai; encontrou na presença do seu avô ótima hospitalidade e palavras de amor além de respeito fora da sua idade. Nas palavras e respeito de seu avô sobre ele, Ndilimeke encontrou uma sala de terapia, e promessas de vida e responsabilidade de contribuir para o futuro. Ndilimeke construiu um compromisso com ele mesmo, e, sua vida ganhou vida.

Em seus pensamentos reflectia, "***todos dizem que eu não presto, nem mesmo vivo, mas o meu avô me olha com amor, como e por que?*** – pensava ele... Dizem que só me resta morrer e, que até mesmo em Deus não encontro perdão. Até as pessoas rezam para que eu morra logo.

O homem de rosto negro cabelo branco dizia para Ndilimeke que o futuro é uma responsabilidade que estava nas mãos de Ndilimeke. Por isso, Ndilimeke começou a reeditar sua história de vida e acreditava em si mesmo. Mesmo sabendo que ele não tinha boa história de vida, mas quando pensava no seu avô, Ndilimeke se aceitava novamente. Acreditava que por trás da idade e da experiência de seu avô, existia uma grande história de vida. Talvez melancolias. Em um momento, ele pensou e falou alto:

- Bem, se o senhor acredita em mim, por que eu mesmo não posso acreditar em mim?

No dia seguinte, pela primeira vez, Ndilimeke se levantou e com dois baldes começou a regar a horta do seu avô. Depois que seu avô acordou, Ndilimeke parou um pouco e viu que o seu avô estava sentado no seu lugar habitual, mas como não

parecia muito bem animado e de longe estava claro, alguma coisa não estava muito bem, ele parecia muito calmo e pensativo. Ndilimeke sempre percebeu que havia em seu avô, alguma coisa guardada em seu coração, uma saudade real e viva de longe, mas, muito mais perto que sua própria sombra. Uma saudade que batia com o pulsar do seu coração. Ndilimeke não sabia, mas conhecia-a. Como um passado profundamente amoroso, amigável e único; Ndilimeke percebeu isso nos olhos do homem de rosto negro.

Ndilimeke ficou observando discretamente, enquanto regava as plantas. Alguém saudou o velho de rosto negro cabelo branco e na hospitalidade da recepção dessa saudação, Ndilimeke registou uma saudade especial, de vida. Como se tratasse de uma saudade sem tempo de despedida perfeita, como uma acção prazerosa num pretérito imperfeito, talvez, por forças do passado, como forçado a comprimir ordens de despejo sem piedade e sem reserva; para abraçar uma outra direcção. "*Será que ele visitou uma terra ainda em pleno reinado?* – Ndilimeke pensava em suas reflexões.

Ndilimeke se abaixou e escondeu seu rosto entre as plantas, da horta que regava e observando seu o homem velho atentamente, Ndilimeke tentava viver em pensamentos alheios. Era uma expressão quase que diária mas muitas e outras vezes, o velho de rosto negro se guardava nisso mas, a sua expressão era como um cargo fora de suas verdades e além de muitas experiências. Ndilimeke concluiu em seus pensamentos e quase exclamou em tom de vida e audição, "***tem saudade, mas de... quê? Ou... de quem?... mas... se ambos ainda estavam sedentos entre si***"... - pensava Ndilimeke. Mas uma coisa Ndilimeke não sabia, que, por trás de todas as suas dúvidas, a verdade se identificava e como sua própria sombra, eram tempos de lembranças impossíveis de serem apagadas, saudades desejáveis. É verdade, mas já não podia resistir às ordens – tinha um perigo. – *Por que vieste?* Tem que sair! Ndilimeke sentiu um frio e fugiu de seus próprios pensamentos.

Depois de alguns minutos, enquanto buscava água para terminar de regar, Ndilimeke olhou-o discretamente e pensou – *ou será que se deve à conversa de ontem.*

Terminou de regar, trouxe algumas massarocas, se sentou ao lado do seu avô e saudou:

- Bom dia, avô!

Com um sorriso vazio, o velho de rosto negro cabelo branco respondeu palmas prolongadas e terminou sorrindo com gratidão e amor, e disse:

- Muito obrigado, muito obrigado meu anjo, obrigado!

Ndilimeke também sorriu, mas com dificuldade de se enquadrar nesse sorriso, pois não sabia se devia sorrir pela expressão do sorriso actual do seu avô, ou se destacaria o que ele mesmo pensava enquanto regava.

- Não era necessário agradecer, avô.

- Meu neto, a tudo devemos dar graça.

Ndilimeke se confortou nisso e reconheceu que paz, esperança e conforto se apressavam no rosto do seu avô.

- Como é que o senhor dormiu?

- Pela graça de Deus, meu neto, o Senhor dos senhores e Criador dos Criadores me permitiu ver mais uma vez o brilho do sol.

O velho do rosto negro cabelo branco sorriu devagar, arranhou-se nas suas barbas com apenas um dedo e disse:

- Meu neto, dormir e acordar não é sorte, é um favor do Criador.

- Mas avô, se for para agradecer, a quem devemos agradecer?

- Pense na vida das pessoas, na sua vida, em tudo e em todos os homens, nunca encontrei um que se faz mais esperto, capaz de esquivar a morte. Somos todos fracos e, se não fosse a mão protectora do Senhor dos senhores, pela culpa do nosso passado, já estaríamos todos mortos. Mesmo

aqui na terra, todo mal que tu fizeste, o Criador dos criadores te permite ver o sol, kia kia kia, meu neto, não faça isso, é preciso agradecer, é preciso agradecer. Não faz isso, não faz isso.

Ndilimeke ficou comovido com as palavras, expressão e gratidão, ficou reflectindo em tudo e por um instante, contemplou a expressão alegre da natureza, olhou para a pequena horta com vida, olhou para o sol e pensou: **será que por trás de tudo isso tem mesmo um criador? Franziu o rosto e duvidou.**

- Avô será que Deus criou mesmo a terra e outras coisas?

O velho de rosto negro cabelo branco ganhou vida em seus pensamentos e se expressou com seu corpo. Olhou para os céus em profundas reflexões. Virou o seu rosto para a direita e depois para a esquerda, sorriu e olhou para a sua muleta e disse:

- Se Deus não criou... – o velho ficou olhando à sua volta e descrevia tudo em seus pensamentos. – Como surgiu tudo isso?

A mente de Ndilimeke se encheu com pontos de interrogação, pensou em todas as ciências, mas acabou por ficar em silêncio. Mordeu na sua massaroca para ocupar a sua boca e ganhar tempo para pensar.

- Meu neto, se você acredita no surgimento no universo, apoiando-se na teoria do Big Bag, isso é bom. Quer dizer que você é um bom estudante, e, todo estudante deve mergulhar na ciência e noutros conhecimentos, mas se você vive acreditando na teoria a evolução, escrita por homens, por que não acreditar na bíblia, já que também foi escrita por homens, inspirados por Deus, é claro.

Ndilimeke ficou sem palavras, mas ainda tinha dúvida. O homem de rosto negro ficou a sorrir e sua expressão demonstrava uma grande animação e saudades de sua vida e incomensurável gratidão ao grande criador.

- Com todo respeito, avô, com todo respeito, espero que não lhe pareça mal e me perdoe a intenção da pergunta.

- Sim meu filho.

- Como é que o avô resume a vida das pessoas?

O velho pegou numa massaroca e depois disse:

- Meu neto, Deus fez os homens santos, mas o próprio homem procurou outras confusões.

Essas palavras espatifaram a mente do próprio homem de rosto negro, e como água gelada, Ndilimeke ficou com a boca molhada, mas não era pelo sabor da massaroca. Ambos ficaram em silêncio, e, o passado de cada um deles bateu-lhes a porta. Ambos ficaram silêncio.

Eu me transformo em camaleão

- Não faz isso, com muitos homens que existem por aí... quem namorar com o meu marido oh Maura eu vou virar camaleão.

- Kia kia kia, ove, okoooo isso já é o que?!

- É minha irmã...

- Espere, olha o avô.

Ester se aproximou do homem de rosto negro cabelo branco e saudou:

- Bom dia avô.

- Bom dia minha neta, dormiu bem?

- Dormi bem e o avô.

- Graças a Deus.

Quando Ndilimeke ouviu a resposta do seu avô, olhou com dúvida, por responder, "graças a Deus". Ficou com a massaroca na boca, a morder devagar e com os olhos espreitava o seu avô com um sorriso discreto e pensava abrir aspas, e pensou: - **seja como for, meu avô deve ter um passado muito importante para me contar. Será que devo eu perguntar?** Mas uma saudação interrompeu seus pensamentos.

- Bom dia Ndilimeke!

- Humm bom dia, obrigado!

- Ei, Ndilimeke estás a te rir de quê?

- Nada, nada.

Ester indicou para Ndilimeke e começou a abanar a cabeça. Nesse instante, Rosa e Maura pegaram no prato de massaroca, começaram a brincar com o velho de rosto negro cabelo branco, e lhe chamam de neto

- E então meu netinho? As jovens perguntavam o homem de rosto negro cabelo branco.

O velho de rosto negro cabelo branco sorria profundamente pela amizade de sua família e reconhecia que, se não fosse essa hospitalidade familiar, ele teria morrido pelo peso de muitas culpas do passado.

- Muito obrigado, muito obrigado – agradecia alegremente. Sorria e batia palmas com gratidão e

rejuvenescia-se no abraço de seus netos. Todos se animavam e comiam com bastante gratidão.

- Avô já te contaram o que esse Ndilimeke fazia, avô nem te conto. Ele gostava muito de ir brincar distante de casa e só parou quando lhe deram um castigo.

A outra jovem que estava ao lado começou a gritar.

- Isso, isso.

- É verdade, é verdade.

- Certo dia o pai estava a matar cabrito e lhe disse para escolher uma parte do cabrito para ser dele, para assar e comer. Ele ainda era criancinha.

Todos começaram a zombar e a se rir dele. Mas ele calado somente comia a sua massaroca enquanto seu avô se animava.

- Ó vocês, o Ndilimeke ficou a procurar na carne do cabrito estendido no saco, procurou e depois o Ndilimeke disse:

- Ah pai, não estou a ver o que estou a procurar. O pai lhe perguntou, mas ó filho estás a procurar o quê?

- Ove, naquele dia, os tios que estavam a preparar o cabrito lhe perguntaram, você quer a perna do cabrito? Ele disse não. Queres as tripas, está aí, queres o pescoço, está aí. Mas o Ndilimeke só dizia, não, o que eu quero não estou a ver.

Todos começaram a se rir.

- E depois ó minha irmã, conta, conta... - disse uma das primas de Ndilimeke.

- Ó minha irma nem te conto.

- Ele ficou a olhar para a carne toda e depois disse:

- Estou a procurar a peça do cabrito que grita béééééééééé'.

Ndilimeke e as jovens se levantaram e se riram até seus olhos ficarem molhados. As moças se levantaram e se dirigiram para o velho de rosto negro cabelo branco e falaram:

- Meu neto, nós já comemos massaroca e agora já vamos.
- Meus anjos, muito obrigado, que o Criador dos criadores vos dê muita graça.

O macaco e os dois reinos

Ndilimeke e o homem de rosto negro cabelo branco estavam sentados virados para a direcção de uma rua. Já era tarde, mas o sol parecia estar atrasado. As horas estavam aceleradas. Aos poucos, na mente de Ndilimeke os registos de memórias de confusões se apagavam. E de tanto animado, e em paz interior, ainda não pensava em voltar para casa de seu pai, nem sentia saudade de seus amigos, de festas e outras saudades. Ao lado do seu avô, Ndilimeke queria aprender mais ditados e histórias edificantes e com realce a sabedoria. Também pensava em arranjar um emprego ou fazer um negócio para aprender a ganhar dinheiro de forma justa. Pensava em tudo isso e em seus pensamentos resmungava.

Em algum momento, em seus pensamentos caiu uma gota de curiosidade, e como sempre, para suscitar a mente do homem de rosto negro cabelo branco, ele repetia uma frase que aprendeu das histórias. Sorriu e disse:

- Ai, eu vejo a sentença (I see a sentence).

Com rosto negro de muitas saudades, e histórias, com seu cabelo branco de muitas experiências, sorria e em um segundo se lembrou de muitas coisas e sorriu. Por algum motivo, sentia saudade, mas cada uma delas distante de outra. Mas agora, nesse tempo moderno e diferente da sua juventude, ele reconhecia que tinha muito que contar. Mas para muitos era visto como atrasado, e alguns dos que lhe ouviam, diziam – **ah, isso é nos vossos tempos**. Nem mesmo era ouvido quando alertava alguma coisa, mas em outro momento, muitos choravam, lamentavam mas o passado não deixava de existir.

- Avô – começou a falar Ndilimeke – o senhor está a ver aquela moça que está lá.

- Ah meu filho, eu só vejo céus e terra, mesmo distante eu posso reconhecê-los. Se se tratar de algo que esteja longe, apenas vejo coisinha se movimentando. Ndilimeke sorriu e depois disse:

Ela está mesmo distante.

- Mas quem é a moça? - Perguntou o velho de rosto negro cabelo branco.

- Eh... ela... ela disse que não tem namorado.

- E mesmo?!

- Quer dizer... ela disse que tem... mas... está para lhe deixar.

O velho se sentiu profundamente culpado ao ouvir isso.

- Esse, está para lhe deixar significa... ainda está com ele?

- Quase isso, quer dizer, sim.

- E ela gostou de você? Ou... você gostou dela?

Ndilimeke sentiu uma culpa e arrependimento por tocar nesse assunto.

- As duas coisas – disse Ndilimeke. Quer dizer que eu gosto dela e ela também me gosta.

A alma do homem de rosto negro cabelo branco ficou profundamente abalada. Refletiu na morte que as paixões têm solicitado e disse com certa tristeza de se notar.

- Meu neto, quem se mete nos problemas alheios, é como a pessoa que puxa na orelha de um cão que passa pela rua.

Ndilimeke ficou em silêncio e em milésimos o medo lhe visitou muitas vezes.

- Avô, mas se ela se é casada, por que está a gostar mais de mim? Ela me convida.

O homem de rosto negro chorou por dentro, mas por fora sorriu com pensamentos muitos pensamentos e outras muitas

reclamações. Ndilimeke travou seu sorriso entre os dentes, mas seu avô disse:

- Um convite!, Um convite! Sempre haverá um convite desse, mas as águas roubadas são doces, e o pão que se come às escondidas é gostoso. Mas os que comem dele não sabem que ali estão os mortos e que os convidados dela estão nas profundezas da sepultura.

- Mas...

- Seus passos lhe guiam para a morte, mas ela não sabe, nessa caminhada, ela precisa de um companheiro para a morte. Você quer ser companheiro dela? Não seja ímpio de mais, nem tolo; por que morreria antes do tempo?

O homem de rosto negro cabelo branco olhou fixamente para Ndilimeke e disse:

- Meu filho, a maneira mais fácil para se ter uma vida longa, é tentar não encurta-la.

Ndilimeke queria fugir dessa culpa.

- Mas avô, é ela que me pisca o olho e...

- O piscar de um olho tem o mesmo significado com o piscar das intermitentes de carros que marcham para cemitério.

Ao ouvir isso, a mente do jovem Ndilimeke explodiu e o subconsciente dele pegou numa cadeira e se sentou com as mãos na boca.

- Meu filho, - disse o homem de rosto negro cabelo branco - meu filho, se por acaso você encontrar uma pessoa a roubar na sua casa, e, esse gatuno se justificar que está a roubar por causa da fome; esse gatuno não será castigado?

Com dúvida do que acabara de ouvir, Ndilimeke engoliu saliva e piscou os olhos mais de duas vezes. Fugiu do olhar de seu avô que lhe observava e a sua garganta ficou seca. Olhou para a moça e em silêncio começou a suplicar que a

moça passasse por outro caminho e que nunca mais a visse, mas a moça insistia de alguma coisa, em pleno olhar. A sua mente lhe obrigou a responder e disse:

- Esse homem não ficará impune.

- Meu filho, segundo um dos livros de sabedoria judaica, do século II, a.c, diz: desvia do teu olhar dos encantos de uma mulher e não olhes para a beleza que pertence a outros.

Pode um homem colocar fogo no peito sem se queimar?

A mente e o senso comum de Ndilimeke estão em debate. Transpirava e sentia frio ao mesmo tempo. Mas para salvar a vida de seu neto, o homem de rosto negro cabelo branco não elogiou o perigo e disse:

- A morte tem nome... meu filho, os mandamentos são como lâmpada, e a instrução, uma luz; e as repreensões da disciplina são o caminho da vida. O ladrão é elogiado quando rouba por causa da fome?

Essas palavras explodiram na mente de Ndilimeke. Esperou por um instante e se interrogou - *inferno! É isso, pensou ele*. Mas o homem de rosto negro discordou daquilo que estava nos seus pensamentos e disse:

- Desobediência! Quem rejeita a correção odeia a si mesmo.

O homem de rosto negro cabelo branco disse com ênfase, e essas palavras ecoaram e se repetiram muitas vezes na mente do jovem Ndilimeke. Ndilimeke tremeu na cadeira. E seu avô percebeu. Ele não conseguia se ajustar na cadeira, mas a jovem se aproximava cada vez mais. E numa distância para ser reconhecida por qualquer homem de idade, a moça sabendo que estava a ser observada, ajustou seus passos, olhou com um código próprio de mulheres e, ambos notaram a intenção... mas Ndilimeke chorou por dentro. O homem de rosto negro cabelo branco reconheceu a moça, em seguida, de forma discreta olhou para Ndilimeke e percebeu certa preocupação. Mas Ndilimeke em algum momento pensou - Talvez seria bom que escondesse isso até que ela estivesse

realmente sozinha. Mas sem saber disso, o homem de rosto negro começou a lhe contar uma história importante para todas as idades e lembranças de muitas dúvidas, fora de muitos desleixos de verdade; e começou a contar assim:

Era uma vez um rei muito e muito famoso, respeitado, e modelo para muitos reinos, elogiado e respeitado não só no seu trono e reinado, pelas suas responsabilidades, também era abençoado pela admiração do seu poder. Era à vista de todos tratado como um rei condecorado. Ele conservava com testemunhos todos os elogios com respostas sinceras de paz e amizade, pois, nunca tinha pensado que em algum momento seria rei nessa dimensão... Era rei no palácio e tratado como rei na sua própria casa, não por medo, mas porque os seus, descobriram com clareza que nesse rei, nele e para ele mesmo, o seu futuro e presente se cruzavam na perfeição e qualquer coisa, e, todos se entregavam ao amor e às instruções. Tinham tudo e qualquer coisa como uma história, e não como um acto em si. Em cada manhã, as coisas se reedificavam.

Certa vez esse rei chamou a representante e conselheira suprema do seu reino, e, se ajoelhou diante de seus próprios conselheiros em plena submissão, respeito e disse:

- Reconheço que não sou melhor... e nem digno de ser tratado com tamanha nobreza ou talvez de ser servido por vocês.

Todos se comoveram e correram e juntos se prostraram junto ao rei e juraram pelas suas próprias vidas que, cada um deles nasceu exactamente na hora da ascensão desse reino, para servir com amor e por amor, e não por obrigação. Eles levantaram o rei e todo reino festejou.

Certa vez um macaco se apercebeu da fama desse rei e entre os comerciantes tecnológicos mais actualizados e músicos, procurou se infiltrar nesse reino. Estudou, leu muitas histórias a respeito desse reino e o tinha bem na palma mão. Procurou esse rei e lhe disse: - Bom rei, é bom que caminhes pela flora e conheças todo seu reino, de forma que conheças o mundo para que experimentes outros sabores, a fim de

pedir também aos seus cozinheiros que diversifiquem a gastronomia e provem os sabores de outros reinos. E como prova disso, oh rei prove isso e, me mate se não for como tenho dito ao meu rei. O rei ficou sem palavras e se rendeu ao sabor do que ele provou.

Com o tempo, o rei começou a se esconder dos seus conservos, e com outras roupas preparadas pelo macaco, o rei saía em pés de macaco uma e outra vez. O rei começou a estranhar a comida do seu próprio reino e gastava mais em encomendas de comidas de outros reinos, não calculando as transações de moedas. O seu reino começou a fracassar e a economia se tornou incompleta em todos os aspectos. O macaco fazia parte de um outro reino mas não tinha nenhum poder que pudesse se vestir com roupas reais, mas havia um decreto sobre isso, por isso lhe cobravam muita responsabilidade sobre as vestes reais que haveria de vir a usar.

Certo dia, o macaco foi chamado no seu próprio reino, na presença do rei Elefante para testemunhar tudo que se ouvia a seu respeito. Na presença do seu rei, o macaco não temeu mas falou palavras sem verdade, como se fossem verdadeiras, inventou sem esforço mental todas as palavras ditas e respostas ouvidas. Afirmou que se tratava de um reino passado e não de hoje... mas tão sábio que era esse rei Elefante, pediu ao macaco provas de tudo que dissera. Apressado, no dia seguinte na presença do outro reino, o macaco disse ao rei Hipopótamo é isso que combinamos. Mas o macaco já não tinha onde ir senão dormir no seu reino. Mas sabia que lá estaria diante das inquietudes do seu rei. Por isso, o macaco invadiu a mente do rei Hipopótamo e balançou todo o seu reino. Todos vizinhos e não só se surpreenderam com as actitudes desse rei que agora desprezava o seu próprio reinado. Não o reconheciam em nada. Buscaram os mais sábios estudiosos dentro do seu reino e de outros reinados, mas de um dia por outro, nada mais se entendia. O rei se orgulhava e testemunha as belezas raras de seu reino, mas agora deixava tudo para trás.

Os ministros e conselheiros se reuniram para buscar conselhos para salvar o seu nobre rei e reinado em que muitos

se orgulhavam e se ajustavam a ele. Mas somente o rei dizia – não dá para falar, mas tenho que ir.

O macaco era chamado na presença do rei Elefante mas fugia e, por sua vez, dava pressão ao rei Hipopótamo, aproveitando e influenciando no desequilíbrio, mas o rei Elefante desconhecia toda essa influência exterior. – A solução é você fugir, enquanto é cedo - dizia o macaco ao rei Elefante antes que seja envenenado ou que venha sofrer um golpe, pense nisso, ó rei.

O rei Elefante, por muitas experiências, disse ao macaco: - todos os Hipopótamos sabem que todo aquele que já foi rei ou queria sê-lo tem de passar pelo teste de puxar a corda. O rei Elefante ainda disse: - oh macaco, eu te juro que se não der certo desta vez, a sua vida será um exemplo na praça pública porque tu, oh macaco estás a desafiar as nossas experiências. O macaco tremeu um pouquinho. Correu de noite ao rei Hipopótamo e disse: tem que ser agora, ou você pagará pelo seu reino. O rei Hipopotamo se espantou do sono e temeu, agora estava mais claro, mais uma vez se apoderou da situação, debandado emocionalmente e a sua saúde entrou em baixa, mas agora o macaco deu a data ao rei Elefante e ao rei Hipopótamo para o grande encontro ou de desafio ou de contra provas arquitetadas. Na inquietude dos dois reinos, de longe, o macaco apreciava tudo entre as árvores, de seus prazeres. O macaco estava confiante em qual rei cabia a vitória, pois preparou e proibiu o Hipopótamo de mostrar qualquer resistência. Dois reinos desconhecidos, e desconhecendo o jogo, de igual modo não sabiam que ambos estavam a ser dominados pela falta de conhecimento. Mas o macaco impune, desfrutava por cima das árvores, comendo banana enquanto lágrimas formavam rios, em muitos reinos. O rei Elefante tentava reconstruir seu reino, mas não conseguia escapar do macaco. Tentava rasgar suas lembranças com exclamação de grande dor dizendo: - ah! Como é grande a minha aflição! O jugo das minhas transgressões foi atado... abateu a minha força;... caí nas mãos daqueles a quem não posso resistir. O Senhor disperçou todos os guerreiros que estavam comigo.

Como posso eu ir a essa batalha, pensava ele.
Pensava em como fazer, visto que não tinha provas de que

não era rei, antes mesmo mascarado ele era rei à vista.
- Não se preocupe, eu cuido de tudo, disse o macaco – está marcado.

O rei Hipopótamo fugiu dessa prova uma e outras vezes, até pensou em desistir de tudo na vida só para escapar dessas dúvidas. Mas os ministros do seu reinado o buscaram pelas ruas... mas ele fugiu do reino, de outros seres comuns e incomuns, das tecnologias, do passado e do presente até do futuro; deixou de ser rei e se entregou aos pulos pelas árvores e nunca mais voltou a ser rei.

...

Depois de ouvir toda essa história, Ndilimeke e o homem de rosto negro cabelo branco ficaram em silêncio profundo e, em reflexão máxima mas, uma lágrima caiu... Os dois estavam ocupados em seus próprios pensamentos, mas não completou uma hora.

Ndilimeke estava em pensamentos alheios tentando descortinar o sentido dessa história contada em parábolas. ***Será que é somente uma história, ou tem um outro significado do caso de hoje?*** Tentava pensar, mas não se concentrava numa única resposta. GANHOU coragem e perguntou:

- Avô, mas... se fosse para traduzir ou interpretar essa história, será que teria que ver comigo e com essa moça de hoje? Ou... esse macaco seria como um intérprete, mensageiro ou um agente secreto. Ou então uma história de folhetim que os mais velhos sempre contam?

O homem de rosto negro cabelo branco fixou seu olhar em Ndilimeke, depois olhou para um espaço vazio em seus pensamentos, em seguida disse:

- O macaco pode ser uma mulher.

Essas palavras explodiram o coração de Ndilimeke, e afectaram os seus ouvidos. Ndilimeke limpou os ouvidos com o dedo indicador e abanou a orelha direita. As palavras se repetiram nos seus ouvidos duas vezes devagar como um filme de terror e, quase que duvidou e acreditou em seus

muitos pensamentos: - não pode ser! Duvidou de tudo que ouviu antes e por fim perguntou com palavras pesadas de medo.

- As histórias dos mais velhos nem sempre são claras...

As palavras de Ndilimeke foram interrompidas por um sorriso ligeiro do homem de rosto negro cabelo branco. Com o rosto para baixo, o velho trouxe muitas lembranças em seu pensamento mas ainda ficou em silêncio profundo. Engoliu as lágrimas com os olhos fixos no ar, e quando tentava falar, Ndilimeke se antecipou e falou:

- Avô, o Elefante, o Hipopótamo e as águas, que significado podem ter? Eu sou jovem e ainda não entendo isso.

Sem olhar para Ndilimeke, o homem de rosto negro cabelo branco se levantou devagar e disse:

- Bom é para o homem suportar o jugo da sua juventude. Mas... a vida é feita de perguntas, viver é descobrir as respostas.

Ndilimeke se lembrou de muitas coisas, duvidou e acreditou ao mesmo tempo, e chorou.

Uma dúvida

Pela primeira vez em toda sua vida Ndilimeke se recolheu em seus pensamentos e se humilhou em todas as pessoas que um dia desafiou, incluindo seu pai e vizinhos. Pensou na sua teimosia e em todas as suas amizades com pouco lucro educativo e concluiu: o meu avô não me julga pelo meu passado, nem me julga pela falta de entendimento, porque devo eu me negar e não confiar nele? Olhou à sua volta e viu que seu avô estava na sua horta e percebeu que ele estava observando a alegria e o elogio natural das plantas. Ndilimeke se apressou e ao chegar até ele, se abaixou junto a ele e ambos conversaram em silêncio, economizando palavras.

Depois de um tempinho, o homem de rosto negro cabelo branco perguntou ao jovem Ndilimeke.

- Em que ano os portugueses chegaram no Zaire?
- Nos tempos do reinado de D. João II, Sob o comando de Diogo Cão, os portugueses chegaram ao Zaire em 1484.

- Em que ano os portugueses se retiram na terra de Angola?

- Os portugueses se retiram de Angola em 1974.

Ndilimeke percebeu que agora o seu avô tinha algo muito sério para lhe falar e gemeu. E seu avô disse:

- Se você sabe tanto ou pouco de seu país e de outras terras, como não sabe nada da sua própria vida ou sobre pessoas próximas de você?

Agora Ndilimeke estava muito mais desorientado e, qualquer pensamento ou palavras que pudesse dizer, estaria errado. Em seu pensamento, as dúvidas lhe consumiam as energias. – Uma mulher, que sentido teria essa história?

- Pensava Ndilimeke. Ganhou coragem e perguntou:

- Avô, o rei... esse rei nunca mais voltou... tipo assim... e, o macaco?...

- Não se importou...

- ...e os...

Ndilimeke fez um gesto como indicando alguma coisa, como à volta do macaco. Mas o homem de rosto negro ficou em prolongado silêncio. Ndilimeke começou a pensar que tivesse exagerado ao perguntar isso... mas depois o homem de rosto negro falou.

- Por acaso um homem pode cavar uma fossa e reconhecer seu próprio cocó?

Umas perguntas

Não se pode abrir a massaroca para ver se o milho já está pronto, por isso, o homem de rosto negro e cabelo branco, pensava e lamentava essa pressa. Olhou para Ndilimeke e em seus pensamentos disse – já abriu a massaroca. Arranhou-se nas barbas e abanou a cabeça. Em seguida disse para Ndilimeke:

- Se um homem por acaso for apanhado numa lavra, e, o dono dessa lavra vier a se queixar de roubo, será que esse homem será inocentado?

Essas palavras trouxeram desequilíbrio em todo corpo de Ndilimeke. Sentiu uma frescura, se sacudiu levemente e respirou fundo mas, em todas palavras que já ouviu, não encontrou nenhuma base para responder. Seu avô continuou a olhar para ele, como cobrando resposta, e disse Ndilimeke:

- ... Não será culpado.

- Pagará uma carroça em relação ao pouco que faltou.

Ndilimeke começou a rezar que ninguém tivesse conhecimento de nada, além de seu avô.

- Mas com o tempo, se esse homem for inocentado, será aplaudido, pois, um soldado em plena missão do país, não deve morrer à fome: deve comer para salvar outras gerações.

Ndilimeke quase que entendeu e tentou abrir as páginas de um sorriso, mas se conteve porque sabia que a história ainda estava incompleta. Percebeu que seu avô estava com uma frase para dizer e por fim ouviu:

- Meu neto, aquele que se apressa a viver num quimbo antigo, abandonado, esse também deve pagar as dívidas que lá encontrar. Mas a culpa é sempre dos outros.

Ndilimeke ficou plenamente desmontado e o seu subconsciente ficou sem roupas, e a vergonha ocupou todo o seu pensamento. Até certo ponto, Ndilimeke achava que estava a amar essa moça mas nesse instante ficou despido e sem vida para amar, e seu avô ainda disse:

- Meu neto, a maneira mais fácil para se ter uma vida longa, é tentar não encurta-la. O coração humano é enganoso e incurável, mais que todas as palavras; quem pode conhecê-lo.

Ndilimeke ainda permanecia em silêncio, mas dessa vez abanou a cabeça confirmando positivamente as palavras de seu avô, e terminou olhando para os céus, como agradecendo por alguma coisa.

Em profundos pensamentos, a gravidade do assunto ainda incomodava o homem de rosto negro cabelo branco. Como uma melancolia, também olhou para os céus e seus olhos se cruzaram na abobada celestial, e em seguida olhou para a terra e com palavras de melodia romântica, disse:

- Por acaso um homem se tornaria rei... se casasse com uma mulher? Ou então um homem seria premiado com muitos presentes por ter engravidado 40 mulheres virgens em menos de 10 dias?

Ndilimeke engoliu todas as suas palavras. Começou a ganhar juízo e se reeducava. Olharam por apenas quatro segundo e depois esconderam seus olhares nos céus e em seus pensamentos, com os olhos se cruzaram na abobada celestial.

...

Depois de almoçarem, a tarde ocupou as horas do dia e todos saudavam com sinónimo de despedida do dia. Ndilimeke começou a ganhar forças, mesmo depois de longas horas de educação e alerta. A imagem da moça desapareceu da sua mente, e **suplicava – não pareça mais, não apareça mais.** Seu avô sabia que Ndilimeke tinha um passado muito triste, como roubo, drogas e outras acusações

fora de sua vida. Mas também sabia que estava crescendo em juízo, e agora com valor próprio.

- E então – perguntou o homem de rosto negro cabelo branco.

- E então, não me contas nada?

Ndilimeke rasgou seu rosto, sorrindo com total emoção. Reviveu e mais uma vez jurou não perder esse amor que seu avô tinha sobre ele, mesmo não merecendo.

- Avô, eu prometo nunca mais conversar com ela.

- Meu filho, você só tem uma vida. Não se desgaste, nem dê suas forças aos outros.

- Avô por que as pessoas não acreditam que eu mudei?

- Você mudou?

- Sim eu mudei...

- Não olhe para as pessoas para definir o rumo da sua vida. Elas sempre vão duvidar de alguma coisa. O ser humano tem a habilidade de julgar a vida de todo o mundo, menos a vida dele próprio". As pessoas crescem e envelhecem. Por trás de toda acção existe uma cortina de influências. Agora você está comigo, descubra o seu verdadeiro nome. Meu filho, seja uma boa pessoa, mas não gaste o seu tempo tentando mostrar isso a elas.

Ndilimeke sorriu.

- Meu neto, eu tenho mais passado do que futuro. A idade que tenho, já estou a viver de esquebra. Por isso, agradeço ao Criador dos criadores, cada amanhecer, é como uma oferta.

Com um sorriso desenhado no rosto de um homem que a natureza lhe cobrava as forças, talvez muito antes, pelas

circunstâncias sociais, o homem de rosto negro cabelo branco, disse:

- Meu filho, dormir e acordar não é um hábito, mas uma dádiva do Criador.

Com um sorriso de dúvida, Ndilimeke ainda duvidou que Deus fosse tão real como seu avô falava. Essa dúvida se mostrou no seu rosto, e, seu avô percebeu.

- O senhor acredita em mim?

- Claro! Mas nunca esqueça que depois de muito tempo, a verdade fica com cara de mentira.

Ndilimeke sorriu em seus pensamentos.

- Meu filho, pare de acreditar em tudo que pensa, a mente é um grande assassino do real. Pense na vida lá fora, pense nos seus amigos, ou pessoas de sua idade que já morreram, será que você é o mais esperto que todos eles?

Agradeça

Ao cair da noite, Ndilimeke estava ao lado do seu avô, aprendendo mais alguma coisa. Então pensou, com tanta sabedoria, se meu avô viesse me defender antes e outras vezes, eu estaria bem.

- Por que o avô nunca veio me ajudar?
- Já uma e outra vez.
- Mas eu ainda assim sofri e já não veio me ajudar.
- O teimoso vai com vento!

Ndilimeke engoliu em seco. Mas ainda assim falou, tentando se defender.

- Mas sempre que eu roubava, eu ajudava muitas pessoas que me pedissem, até aos mendigos eu ajudava.

O homem de rosto negro cabelo branco desprezou um sorriso sobre o seu próprio rosto e em seguida disse:

- Como vento e nuvens que não trazem chuva, assim é o homem que se gabava de presentes que não deu.

- Mas avô, eu juro que não roubava por roubar, em casa só me falavam e não me davam comida. Eu nunca matei, só roubava.

- Tem razão!

Ndilimeke sorriu. Mas ainda assim ouviu.

- O alimento ganho por mentiras é saboroso ao homem; mas depois a sua boca se enche de pedrinhas.

- Mas eu não era teimoso, eram os meus amigos que me levavam...

- É mesmo?! E onde estavam os seus amigos quando sofria de dor? O homem teimoso e tolo, às vezes, tem que sofrer um pouco, só um pouco, pois, se o livrar várias vezes, terá que fazê-lo muitas vezes.

- Éh... eu ainda sou o símbolo da vergonha. Que pena!

- Não! Que sorte!

- Sorte?!

- Quantas pessoas com a mesma história de vida, ou até pior, morreram... mas você ainda tem vida; tem oportunidade. A sua vida é o sinónimo da graça de Deus. Não importa o que as pessoas dizem de você. Acredite na sua mudança, mesmo que elas não acreditem em você.

Ndilimeke abriu os olhos.

- Quando você andava em caminhos maus, ou má vida, alguma vez alguém veio lhe oferecer cabaz? Não!

O homem de rosto negro cabelo branco abanou a cabeça com um sorriso para dar valor às suas palavras e ainda disse:

- A tua vida hoje, é sinónimo da graça divina. O teu passado já foi determinado. Mas o teu futuro, pode ser diferente.

O homem era cansado na sua idade, mas as suas palavras eram vivas, e determinadas. Pegou nas mãos de Ndilimeke com firmeza e lhe demonstrou mais amor. Com sorriso que toca o coração, disse:

- Que as palavras que você lê ou ouve, cresçam como sementes para transformação, e que determinem todo o seu amanhã.

- O avô é muito sábio.

Com um sorriso de negação, olhou e piscou seus olhos no céu e se rendeu aos seus limites.

- Perdoe a minha incredulidade. Mas por mais sábio que um homem possa ser, ainda assim será incapaz de reconhecer a sua própria sombra, quando a luz se apagar.

Ndilimeke se emocionou muito e em seu rosto mostrou plena admiração e pela primeira vez agradeceu a Deus pela vida.

- Graças a Deus. Avô, eu te amo muito. O senhor me trata como se não soubesse nada da minha vida. Obrigado!

O velho ficou em silêncio, mas Ndilimeke ainda falou.

- Avô, eu te amo.

- Eu também, meu filho.

- Sim senhor. Falando de amor, o senhor já amou uma vez?... Amar, tipo assim... quer dizer... amar uma... porque eu quero um dia arranjar... assim quer dizer... como sempre pensei e ama-la.

- Meu neto, antes de aprender a andar, o cágado aprendeu a contar. Este é o seu momento, cada dia é uma oportunidade.

- O avô nessa idade ainda ama... uma... ainda ama...

Com os dedos, corpo e com a cabeça, Ndilimeke começou a tentar explicar algo que não tinha coragem de falar. Mas o homem de rosto negro cabelo branco se antecipou.

- A fome não respeita os mais velhos.

Percebendo que Ndilimeke ainda queria prolongar mais com esse assunto, o homem de rosto negro cabelo branco se apressou a se levantar e foi.

Erro Crasso

Depois de uma noite escura, mas clara de esperança, crescimento e saudade de um amanhecer com amor à sabedoria, Ndilimeke ansejava pelo amanhecer, mais do que os guardas pelo clarear da luz, na guarda de uma cidade de ouro. Em seus pensamentos insistia em se alegrar pelas histórias educativas que ouvia de seu avô, repletas de ensino, cuja função era por um lado reeducar e recuperar Ndilimeke da escravidão emocional que ele se encontrava. Apressou-se a fazer o que tinha que fazer e numa hora de folga das suas actividades domésticas, se apressou e saudou seu avô.

- Não me atrevo a pedir desculpas, mas como um acento de insistência, expresso a minha satisfação que agora partilho; avô, eu sou verdadeiramente grato ao Senhor Deus, Deus de meu avô, que guiou meus passos até ao senhor, para me enquadrar, ensinar, incentivar a viver a minha era.

O homem de rosto negro cabelo branco bateu palmas com satisfação.

- Justamente no tempo do meu tempo. Avô obrigado!

- Uau! Palmas como acento de insistência.

- Isso aí...

- A propósito, meu filho, consegues me explicar um pouco o que é acento de insistência? Ou queres que eu explique?

- Não senhor, eu mesmo vou explicar.

O homem de rosto negro cabelo branco procurou se sentar e com gesto de aprovação começou a se rir.

- Avô, acento de insistência quer dizer, ou melhor é quando nós queremos tocar num assunto toda hora, insistir num assunto por termos confiança nele.

Ndilimeke parou de falar, mas seu avô disse:

- Hum hum, continue.

- Não, é isso mesmo.
- Só isso – disse seu avô.
- Sim avô, isso é que significa acento de insistência.
- Hum, já ouviste falar do general Crasso?
- General Crasso?!

Ndilimeke abanou a cabeça e se alegrou porque esperava ouvir mais uma história, mas o que ele não sabia é que falando do general Crasso, seu avô estava justamente a falar da instância do erro dele, pelo facto de estar confiante de mais na sua certeza, mas errando em cheio.

- No antanho, o poder em Roma estava dividido entre três figuras: Júlio César, Pompeu, Marcos e Crasso. Pompeu e Marcos eram generais e Crasso era o mais famoso e mais rico, e tinha uma ideia fixa de conquistar os partos. O general Crasso, com os 50 mil soldados e com a ideia de querer conquistar os partos, ficou muito confiante na sua superioridade numérica de suas tropas, abandonou as táticas militares romanas e tentou atacar militares de romanos, insistiu num outro plano e cortou caminho por um vale estreito de pouca visibilidade, e tudo ficou complicado para ele e quase todos os 50 mil morreram, incluindo ele próprio. Essa fama virou notícia em várias línguas como erro Crasso.

Na vida, você vai se deparar com muita coisa boa, e algumas vezes, mas. Se encontrar pessoas a chorar, chore, se encontrar pessoa a comer, coma também, mas... "nda vakuene vasomboka, ove liseia, momo ongolo la ngolo kavalisokele", mas se encontrar pessoas a pular, ainda não pule, porque os joelhos não se igualam. Seja atento e não ignorante dos factos, você não é o melhor de todos. Estar em turbulência é perigoso, mas o seu maior perigo é fingir que não há problema ou que não há perigo na frente. Se ainda tem dúvida, por que avança?

Ndilimeke percebeu que seu avô estava a falar mais do que o seu habitual, e não sabia o porquê!

- Meu neto – disse o homem de rosto negro cabelo branco, - ao voltares da caça, se lewares carne cheia de formigas nos ombros, não te surpreendas se fores visitado por lagartos.

- Éééh... mas se eu não der conta?

- Se não deres conta, ou se acreditares demais nos teus próprios pensamentos? A mente é um verdadeiro assassino do real mas aonde chegam os olhos, as ramelas não chegam, mas já espreitar. Lembre-se do erro Crasso, os ensinamentos não envelhecem, mas se enquadram em todos os tempos.

Despedida cifrada

Muito tempo se passou e para o homem de rosto negro cabelo branco, as horas se tornaram mais lentas. Aos poucos parecia cansado. Ainda tinha força nos olhos e na fala, mas o seu corpo se apesava em responder ao chamado de seus dias na terra. Não se mostrava triste nem motivado, mas certo na sua calma.

Chamou seu neto e perguntou:

- Meu filho, há quanto tempo você está aqui?

- Hum... Desde o ano passado.

- Eh. Ainda vai visitar o seu pai. Diz a ele que vou esperá-lo... mas só se ele reconhecer que: a morte é como um curral e a cova como um pastor, e todos nós como ovelhas.

Ndilimeke fez sinal de stop e correu para pegar uma esferográfica e caderno. Pediu com humildade que seu avô repetisse a mesma frase e ele anotou no seu caderno.

"A morte é como o curral, a cova como o pastor e os homens como ovelhas"

Ndilimeke leu a mesma frase duas vezes com as mãos cerradas sobre a boca, tentava pensar o que significava essa frase. O homem de rosto negro cabelo branco o observava sem olhar directamente para ele, depois disse:

- Por mais eloquente que o homem possa ser, jamais terá verbos no dia do seu enterro.

Ndilimeke anotou rápido no seu caderno. Mas sentiu quase que um medo em seus pensamentos. Ainda com a mão serrada sobre o seu queixo, começou a pensar – *morte... morte. Pronto! São apenas ditados* – pensou ele.

- Esses ditados são fortes – disse Ndilimeke.

- Meu neto, vai e arruma as suas coisas e reconcilha-te com o teu pai. Não esqueças de ler diante deles o que tu escreveste. Que ele reconsidere tudo... ao pé da letra.

Ndilimeke ainda queria ficar mais tempo ao lado de seu avô. Mas agora, para iniciar sua história de vida, também precisava de descer desse monte de muitas verdade e recomeçar. De alguma forma trabalhar com justiça, ganhar a vida com as ideias que seu avô lhe dera.

...

No dia seguinte, o homem de rosto negro cabelo branco chamou Ndilimeke e perguntou:

- Meu neto, tu já estas preparado, apressa-te, chegou a hora...

- Sim avô, já...

- Certo. Mas lembra sempre do ditado russo.

Ndilimeke e seu avô falaram ao mesmo tempo como uma canção.

- "Se você quiser ir a guerra, reza uma vez, se você quiser ir ao mar, reza duas vezes, mas se você quiser casar, reza sete vezes."

Quando Ndilimeke se sentou ao lado de seu avô e começou a se rir.

- Esse ditado é muito forte.

- É mesmo?!

- Eu considero o senhor como um santo.

- Kia kia kia kia eu me rio sem me controlar. Eu?! Certa vez o Bispo Paulo Gerald disse: "Eu li a bíblia do princípio ao fim, e encontrei nela muitos erros, todos eles em mim".

Ndilimeke se humilhou em seus pensamentos. Olhou para a sua mochila pensou em guardá-la para não ir nesse dia mas seu avô lhe orientava que tinha que ir.

- Tu tens que ir, outras responsabilidades te esperam. Acredita tu terás oportunidades de sucesso na vida, mas não removas os limites antigos... Não tomes decisões quando estiveres cansado. Pedir conselhos, que seja como uma receita em plena medicação. Procura saber do estado das tuas ovelhas e cuida bem dos teus negócios, porque as riquezas não duram para sempre.

Em seus pensamentos, Ndilimeke conquistava lágrimas, mas se privava de mostra-las.

Ndilimeke abanou a cabeça e em seus pensamentos queria chorar porque achava que seu avô de certa maneira lhe despedia e se despedia ao mesmo tempo.

- Escuta – disse seu avô para ele – tu não podes ensinar nem dar uma lição ao futuro. Ao fazer uma escolha, saiba, casamento é uma coisa muito séria, pelo casamento, tu vives o céu na terra ou viverás o inferno antecipado.

Ndilimeke abriu os olhos e franziu os olhos.

Com um sorriso para confirmar essas palavras, o homem de rosto negro ainda disse:

- Muitas mulheres hoje em dia são enviadas ao casamento como improvisadas, por isso, sê sábio e prudente no coração, trata-se da sua vida; muitos casamentos hoje são activados e como num microondas. Por que?...

Ndilimeke abriu os olhos com surpresa do "por que". Esperou curioso pela resposta. Mas ouviu algo diferente daquilo que esperava.

- Nunca mintas ao seu pai sobre a pessoa com quem tu estás andando ou namorando, tu não podes dar uma lição ao futuro. Se assim fizeres, estarás a mentir o teu próprio futuro.

Ndilimeke queria que a tarde chegasse mais rápido e o sol entrasse, impedindo a sua saída.

O homem de rosto negro cabelo branco percebeu muitas dúvidas em Ndilimeke, sabia que era uma despedida cifrada, mas para todas as inquietudes humanas, então disse:

- A vida é feita de perguntas, viver é descobrir as respostas.

Com esta frase, Ndilimeke entendeu que seu avô lhe mostrava o futuro como respostas. Sorriu disfarçadamente. Mas com dúvidas de algumas palavras sobre morte, O homem de rosto negro cabelo branco meteu sua mão no ombro dele e Ndilimeke ainda ouviu:

- Meu filho, cuida da tua vida, a morte é um caminho que cada um deve enfrentar, "SOZINHO". Morrer não dá medo, o que dá medo é não ressuscitar.

Ndilimeke se esforçou a conter as lágrimas e para se controlar disse:

- O que eu faço para ser sábio como o senhor, meu avô?

- Todos os homens são sábios, só que não sabemos usar essa sabedoria. E tem mais, sabedoria não é saber falar ou saber fazer muitas coisas, sabedoria é igual e humildade. Deus fez os homens justos, mas eles procuraram outras confusões.

- Mas tem pessoas que estudaram e são mesmo muito inteligentes e sábios e outras não sabem nada.

- Não! Pense bem – o homem de rosto negro cabelo branco levantou a sua mão e com o dedo indicador apontou sobre a sua própria cabeça e disse:

- Sadedoria?! Muito estudo?! Muitas pessoas estudaram muito e são consideradas, sim, sábias, mas desprezam outras pessoas, desprezam os seus semelhantes. Nisso, onde está a sabedoria?

Ndilimeke abriu os olhos e sorriu.

- Muitos que "não sabem nada, talvez", por não saberem ler, não é que não sabem nada, ou que sejam burras. São apenas "iletradas" e muitos deles são mais inteligentes e sábios que aqueles que tem diplomas engavetados em suas atitudes.

- Humildade?

- Levanta-te.

Ndilimeke se levantou e ficou a olhar para o seu avô e ouviu:

- Estás a ver aquela casa ali?

- Sim - respondeu ele prontamente.

- Certo. Vai lá e pergunta quem a construiu.

Ndilimeke correu e ao voltar disse:

- Disseram que o senhor Francisco Fernando é que construiu.

- Uh interessante não é? Mas ele construiu sozinho ou então chamou pessoas, pagou-as para ajuda-lo...?

Ndilimeke começou a rir e depois disse:

- Mas é verdade.

- Por que não citaram também os pedreiros, os pintores, os electricistas e outros?

- Avô, e sobre namoro, tem mais algo a me dizer?

- O namoro é o cofre da vida.

Ndilimeke começou a se rir.

- Por causa da fome, o cão come fezes e ainda se palita na frente de seu dono. Meu filho, antes de ir a mata, pergunta bem aos teus ouvidos se, entre vários sons consegue distinguir o som de um animal.

Até as lembranças

Na mente de Ndilimeke, uma frase se repetia "a sabedoria está nos lábios de quem tem entendimento". Bem devagar se sentou, olhou para o sol e pensou, hoje é sexta-feira, devem ser já 16h00, na rádio Huíla..."Okuvita!"

- Avô – disse ele – mas a verdade é para ser dita.
- Depende da situação.
- Como?

O homem de rosto negro cabelo branco respirou fundo, como não querendo dizer mais nada, mas disse:

- Por acaso um homem de tanto problema, ele pode abrir uma fossa e reconhecer o seu próprio cocó?

Ndilimeke começou a rir-se alto. E se riu muito.

- Mais importante de responder, é bom saber entender a pergunta. Seja mais rápido ao ouvir, e lento ao falar.

- Se ele tiver uma pistola, e eu estiver com a verdade que pode me livrar.

- Muitos são os vissondes, mas nem todos tem dentes. Desta vez Ndilimeke entendeu, e sorriu.

- Mas como saberei se essa pistola tem ou não munições?

- Não saberás, o perigo nem sempre está no ter, mas no uso daquilo que se tem para perigar a situação...

- Mas se ele mostrar as munições, e eu e mais alguém estivermos juntos na mira da pistola. Eu com a verdade e ele com a mentira.

- Seja mais rápido que o adversário.
- Como?
- Ataque surpresa.
- Kia kia kia kia, o avô sabe lutar?

- No meio de 5, o Bruce Lee fugiu. Nunca lutes sem necessidade, mas use o contra-ataque para escapar e fugir. Protege o teu nome e livra o teu corpo de dor. Mas lembre-se a verdade não morre, e ela te libertará.

- Então nessa situação...

- Não morras com a culpa alheia... mas não vivas condenado. A morte não escolhe culpado ou inocente, mas o dedo no gatilho pode reconhecer o inocente. Fale a verdade para não seres condenado pelo teu coração. Não guarde a verdade que te pode dar vida hoje, porque no inferno não tem testemunha fiel, nem gelo para massagear o corpo.

- Então devo contar tudo o que ele fez?

- Só o que ele fez, e o que tu fazes?

- E se eu for inocente?

- Não existem inocentes, só culpados, azarados e ignorantes. Tenhas uma boa viagem.

- Uau! Que sabedoria!

- Kia kia kia kia.

O homem de rosto negro cabelo branco olhou para os céus, expressou uma motivação e as nuvens lhe trouxeram esperança e disse:

- Eu não sou sábio. Se sou, onde eu estava, quando as montanhas e toda constelação foi criada? Há três coisas que eu admiro e não entendo: o caminho do avião no ar, o caminho da cobra no capim, o caminho do navio no oceano e a beleza que existe no interior do homem.

- Sim avô, sempre naquele ditado não é, "compra a sabedoria, mas não a vendas".

Ambos sorriram.

- Muitas coisas já aconteceram nessa vida, certo homem foi defender uma causa sem testemunha, e foi condenado com o contrário, por ir buscar socorro.

- Mas o que fazer?

- Suporta o jugo da tua juventude.

- O avô estudou muito!

- Não meu filho. Às vezes o estudo é reconhecido com o nome que temos e não pelo que sabemos.

O mais velho se levantou e Ndilimeke também se levantou com presa. Mas assim que o jovem se levantou, o velho de rosto negro voltou a sentar e disse:

- Não podes ir e me deixar de pé. Tu podes permanecer de pé, levanta teus olhos e ombros. Tens muitas horas para caminhar, mas não te canses tão cedo, suporta o jugo da tua juventude, descobre o teu verdadeiro nome, nele está a razão da tua existência.

Ndilimeke percebeu que de alguma forma, seu avô se despedia e lhe mostrava um horizonte pela frente por descobrir. Ele pegou na sua mochila e seu avô ainda lhe disse:

- Meu neto, daqui para diante, tu terás muitas saudades, mas sê sábio nos teus dias de vida.

Ndilimeke relaxou em seus pensamentos.

- Não te esqueças, para viver seguro, para se prevenir de certas situações, às vezes é bom olhar no retrovisor, mas saibas, não é a direcção do futuro.

Ndilimeke não conseguia entender o que sentia nesse momento.

- Vá em paz. Até as lembranças.

O jovem se foi...

No mesmo dia, quando anoiteceu, o homem de rosto negro cabelo branco, tranquilamente foi para a sua cama, seu coração se sossegou. Seus olhos escureceram, então se humilhou e aceitou seu eterno destino.

...

Ndilimeke se foi e transmitiu toda a sua alegria às pessoas a sua volta e a muitos suscitou dúvidas. No dia seguinte, antes de o sol nascer, Ndilimeke recebeu a notícia de que o seu avô dormiu e já não acordou". Com palavras sem voz, Ndilimeke falou para si mesmo – Ndilimeke! Estou em boas mãos.

Ndilimeke não conseguiu chorar com lágrimas no rosto, mas desenhou em seus próprios pensamentos um alvoroço de lágrimas, mas não as derramou em desespero, porém, com lágrimas de saudade e lembranças, abraçou todas as saudades agora mais reais. Pegou num envelope que seu avô enviou à sua prima Ester. Ele abriu-o e leu em silêncio.

"Por mais eloquente que um homem possa ser, jamais terá verbos no dia do seu enterro. Não, não te precipites nessa escolha. Contenha seus prazeres. Não te creio ainda capaz de iniciares um compromisso amoroso, nem mesmo de picnic, ou de comércio de amor. Reconsidere com seus pais todas as condições e circunstâncias acima apontadas e por lembrar... ou então, estariam perdidas todas as saudades que de mim apontam em seus pensamentos, tanto aquelas que de teus pais recebeste; todos os exemplos.

Lembra-te de todas estas coisas, oh homem!; porque isto pode ser como o suporte de uma nova geração.

... Até aqui, algumas palavras são minhas...

A sabedoria está clamando pelas ruas... quem a ouvirá?



António Fernando Cambongue nasceu no Lubango, província da Huíla, em Angola. Estudou Ciências Humanas no antigo Colégio Novo Horizonte, hoje Complexo Escolar Privado - Novo Horizonte, no Lubango.

Trabalhou no Instituto Superior Politécnico Independente (ISPI) no Lubango, onde aprendeu a desenvolver variados conhecimentos e a aplicá-los com excelência e rigor.

Quando a mente está lúcida, com uma esferográfica na mão, os dedos dançam na pista de papel. Por isso, se vai chover ou não, olha nos céus, não pergunte à galinha.

Bem, na verdade, "você" é a minha inspiração; enquanto você estiver aí... Ainda tem mais um...

E-mail.

fernandofernandoc12@gmail.com

Facebook

Fernando Cambongue – Nice

Dizem que os mais velhos são como biblioteca-viva. De certa maneira eles falam com testemunho real ou por parábolas criadas por eles, para desenhar métodos fáceis para transmitir conhecimentos construtivos, de lembranças e muitas vezes de alerta ou prevenção de vida para os mais jovens em tempos oportunos. Ao contrário dessa boa experiência e raros conhecimentos, hoje parece que essas bibliotecas (vivas), estão quase como apagadas, talvez.

Hoje em dia, à volta da sociedade, se regista algo de suspense como a crise de valores, e, como revistas rasgadas pela modernidade e os chamados de novos valores (me deixa levar até aos limites), os mais velhos são vistos como capa de revistas fora de tempo.

Por essa razão, o papel da idade é tido hoje como irreal para muitos, mas isso não anula o talento natural, onde o tempo, sempre é sempre disponível e fiel conselheiro e testemunha real; é certo ou digno de realce asseverar que cada tempo é igual ao seu próprio tempo. Mas será que os jovens com o slogan, "me deixa levar", têm todos os caminhos e conselhos são de certa maneira suficientes para nos libertar de um passado melancólico ou de tensão?

.....

Existem coisas que nunca se leram, nem se relataram nos jornais ou livros; talvez inibidas... mas se pode ouvir numa voz de experiência concreta. Ninguém pode corromper o futuro nem subordinar seu próprio sono/sonho.

A maneira mais fácil para se ter uma vida longa é tentar não encurta-la.

.....

ROSTO NEGRO CABELO BRANCO – é sem dúvida um livro recheado de conhecimentos; conselhos, educação, ditados, estórias e histórias com frases elaboradas com um plano de leitura que se ajusta ao dia-dia.

OS ENSINOS NÃO ENVELHECEM.

Antes de aprender a andar, o cágado aprendeu a contar.

António Fernando Cambongue

Rosto Negro Cabelo Branco

Autor: António Fernando Cambongue

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi

Todos os direitos desta obra reservados a
António Fernando Cambongue

Este E-book está protegido por Leis de direitos autorais na
"CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.
Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que
Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade
Pelos textos, músicas e imagens
É exclusivamente do Autor

